ANO 25 SÁBADO, 17 DE NOVEMBRO DE 1945 N.º 8255

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

AURORA

Um ultimo artigo, ao cabo duma serie deles escritos não para provocar onagros, mas para erguer a nossa fé de português. As eleições vão-se fazer amanhã e a vitoria não é objecto de duvidas. O vencedor pode anunciar já o seu triunfo.

Quem lho disputará? No nosso humilde entender, seria bem melhor que não fosse tão facil prever com inteira certeza o que está para vir, como êxito eleitoral, no espaço de vinte e quatro horas.

Não obedecemos a qualquer ambição, vaidade ou interesse vil, procedendo como procedemos: tentámos falar com independencia aos nossos leitores que certamente prefrem a verdade, mesmo quando desagrada, á mentira, vestida com o manto de Arlequim. Consulte cada um a sua consciencia e pregunte-lhe:

—«Dize-me, juiz incorrupto, andei bem ou mal, fui inconsiderado ou prudente?».

A nossa responde-nos sem hesitação:

—«Vive em paz e trabalha sem rémorsos».

Esvoaçou, em torno de nós, a calunia, a injuria soêz, o atrevimento grosseiro...

Não insultámos nem enxovalhámos fosse quem fosse. Referimo-nos a Salazar, porque só o seu nome tem, no momento actual, a altura suficiente, desempoeirada, para sêr encarado com serenidade. No palpitar dos variados episodios que tem oferecido a propaganda eleitoral, o escabujar do odio produz em nós o efeito e a repugnancia duma chaga ou dum aleijão moral.

Quando amanhã, após as horas de turbulencia e de delirio vocal, a razão recobrar os seus direitos, nós havemos de reconhecer espontaneamente que os homens de

(Continua na 13.ª pag.)

O MOMENTO POLITICO

O mal não está apenas

no que a Censura proïbe

mas tambem no receio

do que ela pode proïbir

— diz-nos o escritor Ferreira de Castro

Ferreira de Castro, uma das mais positivas presenças da actualidade literária portuguesa, o escritor português mais conhecido no estrangeiro, depõe hoje, como intelectual, nêste inquérito sôbre o panorama geral da vida portuguesa. Quando lhe preguntámos o que êle pensava sôbre a influência da falta de liberdade de pensamento na vida nacional e na literatura em especial, o autor de «A Selva» diz-nos logo:

—A falta de liberdade de pensamento é a causa fundamental, a unica mesmo, de tudo quanto se tem passado. O resto são simples consequencias.

—A literatura?

—Foi uma das grandes vitimas. E, contudo, parece-me inutil afirmar — tão dito está — que é pelas suas obras de arte que um povo ou uma época se conceitua entre os outros povos ou no futuro. São as obras literárias e artísticas que constituem, verdadeiramente, o orgulho dos povos. Podemos dizer, com afoiteza, que o melhor que nos ficou das descobertas foi os «Lusiadas». Foram os «Lusiadas» que deram, perante a posteridade, uma elevação espiritual ás descobertas, uma elevação que os próprios descobridores, na maioria dos casos, não possuiam. Sem os «Lusiadas», as aventuras maritimas portuguesas não teriam, hoje, os estudiosos, os entusiastas que têm, espalhados pelo mundo, e estariam reduzidas a umas frias páginas de história. E, contudo, todos sabem que, nêstes ultimos anos, especialmente desde 1935 em diante, uma obra como os «Lusiadas» talvez não pudesse ser publicada.

FERREIRA DE CASTRO

—Há outros casos?

—Há. Eça de Queiroz, orgulho da literatura portuguesa, não era possivel na nossa época. Houve o bom senso de não apreenderem os seus livros, porque isso provocaria uma grande emoção, mas foram proibidos ou apreendidos livros muito mais «brancos» do que os de Eça. A primeira ou uma das primeiras circulares da censura, enviada aos jornais em 1926, e que eu li, proibia, entre outras coisas, a transcrição de páginas de Alexandre Herculano, de Ramalho Ortigão, de Eça de Queiroz e, se bem me lembro, de Oliveira Martins. Herculano está no panteão e se os outros três escritores não estão lá, não é porque não o mereçam também.

Escrever um romance é um auto-suplicio

—E dos escritores vivos?

—Até 1935, os censores, embora intervindo, de quando em quando, na literatura, faziam-no sóbriamente. Daí em diante, porém, escrever um romance em Portugal era uma espécie de auto-suplicio, desde que não se tivesse a mentalidade da situação dominante. E a verdade é

(Continua na 6.ª pag.)

DR. FRANCISCO VELOSO

A solução imediata da crise

segundo o dr. Francisco Veloso

consistia em cumprir sem reservas mentais

as disposições da actual Constituição

O sr. dr. Francisco Veloso, antigo deputado e antigo membro do Conselho Legislativo, foi secretário do Centro Academico de Democracia Cristã, de que fizeram parte o actual Cardial Patriarca de Lisboa, os srs. drs. Pacheco de Amorim e Diniz da Fonseca, entre outras personalidades gradas da actual situação, e mais tarde o sr. dr. Oliveira Salazar.

Pertenceu ao grupo da «Era Nova», com o padre José Alves Correia, e ao que no antigo «Correio do Minho», da direcção de Alvaro Pipa, em Braga, defendeu as mesmas doutrinas.

E' um advogado muito distinto e um brilhante cronista internacional cujas opiniões eram lidas avidamente durante a ultima guerra.

Quisemos recolher o seu depoimento sobre o actual momento político e começamos por lhe preguntar:

—Qual a sua atitude perante o Movimento de Unidade Democrática?

—A de adesão.

—Poderá expôr-nos as suas razões?

—Da melhor vontade, embora elas possam parecer, no curso do debate que se abriu na Imprensa, um caso á parte. Fundamentam, porém, o meu ponto de vista que, nêste momento, não deve ser talvez só meu.

—Qual?

—Tenho que começar por dizer que a adesão que, mediante a minha assinatura numa das listas, dei espontaneamente ás reclamações votadas no Centro Almirante Reis no que nelas se contém de verdadeiramente nacional, e logo depois de tornadas publicas,—foi e é para mim, para a minha consciência, e sem outros compromissos, não uma afirmação (que felizmente não preciso de fazer porque continuo a ser, desde que me conheço e fiz a minha formação, um democrata-cristão, fiel a principios de que não abjuro, como há quatro anos tive o ensejo de recordar e novamente acentuar numa entrevista á *Vida Mundial*, mas o cumprimento de um dever de cidadão, tão sagrado como seria o meu voto num acto de sufragio sério e livre.

E um democrata-cristão começa, natural e logicamente, por defender e exigir a instauração de uma Democracia... Pelo menos assim o aprendi há mais de trinta anos nas doutrinas politico-sociais que, sob as doutrinações de Leão XIII, orientavam nêsse tempo um Centro de Democracia Cristã, que então havia em Coimbra. E se os tempos e as pessoas mudaram, eu, como vê, não mudei de crenças nem de doutrinas.

A Democracia sem adjectivos

—Mas, como democrata-cristão, qual a sua concepção da Democracia?

—A de todo o mundo e de tôda a história do homem! Nem pode haver outra. A Democracia, que é de essência cristã e evangélica, contém uma filosofia baseada no respeito da dignidade da pessoa humana, pessoa integral, êsse respeito que um Pontifice, Pio XI, o gigantesco adversário do nazismo, do fascismo e do comunismo—isto é do autoritarismo totalitário, do Estado sob qualquer forma, que esmaga ou estrangula os Direitos do Homem—condenou e combateu até morrer.

A Democracia vive e sempre viveu na cons-

(Continua na 4.ª pag.)

«Somos mais, é certo,

mas alimentamo-nos pior»

acentua o prof. Mário de Azevedo Gomes

numa analise á obra do Govêrno

DR. MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

O sr. professor Mário de Azevedo Gomes é uma das figuras da oposição cujo depoimento não podia deixar de registar-se neste inquerito que principiámos há pouco mais de um mês acêrca do momento politico. Catedrático do Instituto Superior de Agronomia, antigo ministro da Agricultura, é autor de uma valiosa obra tendente a esclarecer as condições do país sobre um dos aspectos que mais interessam a economia nacional. Embora tenha feito parte do Govêrno, no periodo que antecedeu o 28 de Maio, o sr. professor Mário de Azevedo Gomes está perfeitamente integrado no espirito que orienta a geração a que pertenceu a maioria dos iniciadores do actual Movimento de Unidade Democrática. Quando o procurámos ontem, para lhe pedir também a sua opinião, o ilustre catedrático começou logo por aludir ás recentissimas declarações do Chefe do Govêrno:

—Li com a natural curiosidade as entrevistas dadas pelo sr. Presidente do Ministério e também julgo ter lido quanto, á maneira de comentário, a oposição tem produzido até hoje, nos jornais de Lisboa, lutando pertinazmente com falta de tempo e de espaço. Parece-me que pode com justiça dizêr-se, nesta altura, que ficaram rebatidos os argumentos de S. Ex.ª quanto ás questões essenciais da ideologia política que prefere,—e insiste em impôr ao país—, quanto aos metodos de que usa servir-se na sua forma muito pessoal de govêrno—censura paternal inclusa—e quanto á falta de confiança, que lhe merece a consulta franca do eleitorado, tal como a propõe para o bem de todos, o Movimento de Unidade Democrática. Não me pertence insistir sôbre o que outros já disseram.

—No entanto, V. Ex.ª...

—Sim, talvez que possa ter ainda uma voz á parte, nesta cruzada em que andamos do esclarecimento da opinião publica, se vier ocupar-me aqui, já como tecnico já como cidadão interessado no momento politico, dum aspecto

(Continua na 5.ª pag.)

Vida desportiva

BASKETBALL

Vitórias do Benfica e do Atlético nos jogos disputados ontem á noite

No campo da Boavista continuaram ontem os jogos da divisão de honra do campeonato de «basketball» de Lisboa. Assistência fraca em relação ao interêsse que poderia despertar o segundo encontro da noite, entre o benfica e o Carnide.

O primeiro travou-se entre o Atlético e o Rio Sêco—êste com uma «equipe» fraca, heterogenea, da qual os alcantarenses dispuseram a seu belo talante, exibindo técnica muito superior. Os vencidos ripostaram sempre com animo mas não puderam evitar a derrota, por 72-37. Marcaram: pelo Atlético—José Ferreira (33), Mário Pinheiro (29), Fernando Ferreira (7) e A. Costa (3); pelo Rio Sêco—Figueiredo (21), Lucas (6), Amado (5), Cerqueliano (2) e Renato, Santos e Mário Pinto. Arbitrou fácilmente Artur Mira.

Benfica e Carnide disputaram um jôgo «de campeonato», sem grandes primores de técnica mas que foi seguido com agrado, pela vivacidade posta na luta. No 1.º tempo o Carnide exibiu-se com mais precisão, «perdendo-se», contudo, por exagêro de fintas. Daí os «encarnados» poderem interceptar e antecipar-se nas jogadas, favorecidos pelo próprio adversário para a melhor colocação no terreno. O Carnide fez 4 pontos de entrada, mas breve o «score» estava em 6-6. O Benfica cresce e o jôgo ganha velocidade. Os «encarnados» perdem boas oportunidades por manifesta falta de sorte—e o Carnide volta a impôr-se, consentindo, porém, nova igualdade. O intervalo chega com os grupos nesta situação: 21-21. No segundo tempo, o jôgo teve possivelmente ainda mais dinamismo. O Benfica foi superior no delinear das jogadas, em especial nas que desenvolveu á base de passes curtos e rápidos—que dão beleza ao «basket». O Carnide voltou a ter vantagem mas não pôde conservá-la. No final, 39-31 a favor do Benfica—vitória certa e que podia ter sido mesmo mais expressiva. Marcaram: pelo Benfica—Américo (12), Montalvão e Homero (8), Morais (5), Trindade (4) e Sebastião (2); pelo Carnide—Faria (14), Santos (8), Mendes (6), Rui (2) e Jesus. Arbitragem de Manuel Domingues.

RETIRO DOS MARIALVAS
Empresa José Miguel
T. 25676
A'S 21 H.

Guiomar da Conceição

Espectáculo extraordinário, organizado por **Carlos Velez,** que apresenta os **dois entre-actos dramáticos «O LIVRO DOS 6 CONTOS»** e **«AO DOBRAR DE CADA ESQUINA»,** de Carlos Conde. Fados por artistas desta **Empresa. ENTRADA 3.00. Amanhã «matinée» ás 15 h.** com **fados** e o mago da **ventriloquia KARLISTE,** com os seus bonecos falantes.

ESPUMANTES NATURAIS

Neto Costa

CAVES EM ANADIA

REPRESENTANTE EM LISBOA:
A. SERRA CAMPOS FERREIRA
Rua António Maria Cardoso, 27—Telef. 28949

VARIEDADES 2 SESSÕES As 20,30 e 22,45
Hoje e todas as noites
O maior acontecimento de todos os tempos, o grande êxito da revista popular
ALTO LA' COM O CHARUTO!
Com Mirita, Vasco e Alvaro Pereira à frente de uma Grande Companhia
Amanhã, «matinée», às 16 horas

Teatros e Cinemas

Um quadro novo

no Maria Vitória

A triunfante revista «A Vitória» tem agora um quadro novo, comentário gracioso ao momento político, através do dialogo entre os condutores dos «electricos» de duas carreiras, a do Campo 28 de Maio e a de Almirante Reis, ambos disputando as preferências do «compadre», com espirito, boa representação por parte de Carlos Leal, de Alfredo Ruas e de Edmundo Ferreira, e alegre compreensão do publico, que apreciou as intenções e as sublinhou oportunamente.

Assim se valorizou «A Vitória» e assegurou ainda mais a sua marcha triunfante.

Atrás do reposteiro

E' na quarta-feira que se realiza, no Capitólio, a estreia da companhia de zarzuela Sagi-Vela. Além das peças desconhecidas para o nosso publico, serão representadas: Molinos de Viento, Alegria de la Huerta, La viejecita, Los Gavillanos, Gran Via, La Dolorosa, La Rosa de Azafran e Luiza Fernanda, que é a zarzuela de estreia.

—A musica da revista «Seguir pela esquerda», que vai entrar em ensaios no Maria Vitória, é dos maestros Raul Ferrão, Jaime Mendes e João Nobre.

—A actriz Maria do Rosário, o tenor Sales Ribeiro e o actor Fernando Isidro estreiam-se hoje no novo programa do Lisboa Music-Hall, do Parque Mayer.

—A actriz Branca Saldanha vai fazer parte da companhia do teatro Apolo, que está a ensaiar a revista «A Bolacha Americana».

—Os artistas Maria Odette, Suécia Gonçalves, Judite Dorizini, Ferdinanda, António Rosa e os bailarinos Bety e Alexis, que têm estado a trabalhar no Funchal, seguem no dia 26 para Ponta Delgada.

Primeiras exibições

«O ámanhã é nosso», no Eden

Um filme invulgarmente elegante, no aspecto visual e moral, na fotografia, nas decorações e na indumentária, na realização de Irving Pichel, em tôda a representação cinematográfica da novela de Rachel Field. Interessa, por tudo, pelo desempenho, pela novela e pelas suas intenções, e causa uma emoção de que não temos de nos envergonhar porque o problema tem elevação, humanidade. Loretta Young, sempre elegante na expressão, nas maneiras e nos vestidos, aparece-nos mais actriz que nunca, atingindo grande altura em vários momentos da luta que se trava entre o seu orgulho de menina rica e mimosa e o reconhecimento de muitas injustiças que lhe são reveladas pelo homem que a salva da surdez e a quem acaba por amar, já livre de tôdas as peias. Alan Ladd acompanha-a admirávelmente, e tambem Barry Sullivan e Susan Hayward. Complementos bons, com boas curiosidades e bonecos animados, tudo em tecnicolor.—«*Visor 55*».

Lisboa

vai esta noite ao Coliseu e ámanhã — ultimo domingo da Grande Companhia de Circo — ás duas «matinées», ás 14 e 15 e ás 17 horas

Lá vai Lisboa! Lá vai o cortejo de tôdas as classes sociais ao seu espectáculo preferido: o circo.

Lá vai o bom povo da capital ao Coliseu, assistir á exibição da grande companhia de circo que ali está a dar os seus ultimos espectáculos, que são a alegria, a emoção, o divertimento preferido das crianças, dos adultos, de todo o publico, enfim.

ESPELHO D'AGUA
GRANDE CASINO DE LISBOA
Apresenta tôdas as noites: a famosa:
ORQUESTRA CANARO
com os seus cantores:
ALINA e CARDOSO
Orquestra portuguesa «CARAVELA»
Amanhã:
Chá Elegante, às 17 h.

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL
Apresenta todas as noites um notavel programa de variedades com
3 GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS

CAPITOLIO
ESPECTACULO INTEIRO às 21,30
COM A GRANDE COMPANHIA DE
CIRCO SINTÉTICO
SÓ ATÉ AMANHÃ
Malabaristas - ginástas - trapezistas - excêntricos musicais, cães, gatos, pombos, etc., etc.
16 - ATRACÇÕES - 16
2 - PARELHAS DE CLOWNS - 2
AMANHA, matinée às 16 h. e despedida da Companhia

LUSO

Emilia Ferreira

A's 21 e 30—Sessão popular com os queridos artistas: Ilda Silva, Fernando Farinha, Emilia Ferreira, Sebastião Pires, Ana Maria, Cipriano de Carvalho, Acompanhamentos por Casimiro Ramos e Martinho de Assunção.
Amanhã, domingo, «matinée» e «soirée» com António Caricias, Natividade Pereira, Manuel dos Santos e mais 5 artistas.

CERVEJARIA ARTISTICA
Largo de Alcantara, 1

Brigida Silva

HOJE: magnifico programa, com os distintos artistas: **Madalena de Melo, Brigida Silva, Mário José Paninho, Carlos Lourenço e Julio Peres.** Guitarradas por **Raul Nery** e **Fernando Reis. AMANHÃ,** extraordinária **«MATINÉE»,** com os **queridos** artistas: **Maria Loureiro, Maria José, Frutuoso França, José de Freitas** «Freitinhas» **e Fernando Madureira,** no seu humristico «dueto» **«OS NOSSOS LARES». CERVEJARIA ARTISTICA** é **arte, selecção** e o melhor **bem estar.** —

AVENIDA TELEFONE 27273
TODAS AS NOITES
2 SESSÕES às 20,30 e 22,45
UM EXITO RETUMBANTE! A célebre opereta
A CASTA SUSANA
numa nova realização de Piero
com IRENE ISIDRO-ESTEVÃO AMARANTE ERICO BRAGA
Amanhã: Matinée às 16 horas

GOSTA DE TAYLOR'S PORT
se o beber
E gosta de o beber se o provar

O teatro dos estudantes da Faculdade de Letras

«*Senhor director:*—Alguns dos meus colegas da Faculdade de Letras dirigiram a V. uma carta, publicada no numero 8.248 do seu apreciado jornal, na qual, a propósito duma entrevista que dei ao jornal «A Vitória», de 4 do corrente, infundadamente me arguem: 1.º—De me ter erguido á categoria de «impulsionador e alma» do Teatro da Faculdade de Letras e de ser seu ensaiador oficial; 2.º—de ter propositadamente tentado estabelecer confusão entre a representação das «Femmes Savantes», de que fui, em verdade, um dos animadores e principal ensaiador, com a representação da peça «O Gêbo e a Sombra», promovida e realizada por outro grupo de estudantes da Faculdade, de que não fiz parte.

Julgo-me no direito e até no dever de enjeitar, em contrapartida pacífica, a autoria e a responsabilidade das imputações que me são feitas, porquanto: 1.º—Em nenhuma passagem da entrevista que concedi á «Vitória» me arroguei a categoria de «animador, alma, ensaiador», ou quer que seja do chamado, por simples convenção expressiva, embora sem conteudo real, Teatro da Faculdade de Letras. O que nessa entrevista se lê é tão sómente que fui um dos colaboradores e principal ensaiador da 1.ª representação cultural realizada em teatro publico por estudantes da Faculdade de Letras; 2.º—Em parte alguma da mesma entrevista aludi sequer á reppresentação, também de carácter cultural, da peça «O Gêbo e a Sombra», promovida e realizada por outro grupo de estudantes de que não fiz parte; 3.º—Finalmente, que me não parece lícito atribuir a alguém palavras que não proferiu ou intenções que não revelou por se não ter distinguido, em consequência de leitura ligeira, a parte que numa entrevista pertence a cada um dos respectivos interlocutores.

Agradecendo a V. o favor da publicação desta carta, primeira e ultima que me permito dirigir a V. sôbre êste assunto, aproveito esta ocasião para me subscrever de V. etc.—*Eurico Lisboa (filho).*

Ainda Jóvem aos 40 anos

Não tem necessidade de se deixar ir abaixo quando atinge os 40. Se tiver cuidado com a sua saúde, terá ainda na sua frente muitos anos de interessante actividade

Uma boa maneira de manter as funções orgânicas é tomar a dose diária de Sais Kruschen.

Muitas pessoas parecem velhas antes de tempo, por descuidarem a sua limpeza interna. A pequena dose de Kruschen, tomada em meio copo de água quente, tôdas as manhãs, antes do pequeno almôço, auxilia a manter o organismo limpo e fresco. O fígado e os rins são estimulados a cumprirem com as suas funções; os intestinos movimentam-se fàcilmente e, assim, o sangue não é conspurcado por impurezas.

Como resultado natural dêste tratamento, sentir-se-á mais activo e enérgico. Experimente Principie a tomar Kruschen ainda hoje, e tome a pequena dose regularmente, durante um mês Sentir-se-á muito melhor.

Vende-se em tôdas as farmácias a Esc. 17$00 e 10$50.

KRUSCHEN

Esta figura é o símbolo da «7.ª ARTE»
Sabe o seu nome?
Sabê-lo-á e receberá um lindo brinde, escrevendo para a Rua do Telhal, n.º 71-2.º, E. — Lisboa

CRISTAL

HOJE BAR DANCING DA MODA às 23 horas

O melhor programa de atracções internacionais com

ROSITA MONTAÑA LOS GITANILLOS

VICENTITA FRUTOS - MARI SOL - LILI FRANCE - VERA FREY - MANOLITA CONDE

e as Orquestras portuguesas SOUSA PINTO e CRISTAL

AMANHÃ, às 17 horas: CHA'-DANÇANTE — VARIEDADES

MEIA-NOITE

PARQUE MAYER

A's 23 horas

As alegres noites de Lisboa!

O Dancing da moda!

20 — Atracções — 20

MANOLO BELL

com a sua orquestra

MARY MERCHE — PEPITA MARCO

JOSÉ PUERTAS e CARAVANA

HOJE — Distribuição a todas as senhoras dos excelentes produtos «DORLAN» — Oferta da acreditada fábrica «DORLAN».

OLIMPIA CLUB

FOI UM ÊXITO ESTRONDOSO A ESTREIA

DO MAIS FORMIDAVEL BALLET QUE TEM VINDO A PORTUGAL

LAS SIETE SUEVIA GIRLS

Sete lindas artistas que entusiasmaram todo o público

NOVOS NÚMEROS E SURPRESAS PELAS ARTISTAS

LOLITA GALLEGO e CARMENCITA GALLARDO

Victória BAR

PARQUE MAYER

UM SUCESSO!

a ORQUESTRA MARILISA

Com o violinista José de Carvalho

Aos Domingos de tarde:

CHÁS-DANÇANTES

ATRACÇÃO! ALEGRIA!

Admissão seleccionada

São Luiz

T. 2717? — As 21,30

3. SEMANA

Tempestade mortal

com James Stewart, Margaret Sullavan, Robert Young e Frank Morgan

---

EDEN

A's 21,30

Telef. 2 0768

O amanhã é nosso

com

Alland Lado, Loreta Young e Susan Hayward

«Matinées» diárias

ODEON

A's 21 e 30

PALACIO

A's 21 e 30

PAIRA A MORTE SÔBRE OS PÂNTANOS

com James Mason, Wilfrid Lawson e Mary Clare

GINÁSIO

Telef. 20556

A's 21 e 30

4. semana

O lago dos sonhos

em Agfacolor, com Kristina Soberbaum

LYS

Tel. 48560

A's 21 e 15

CASABLANCA

Anjos da terra

TIVOLI

A's 21 e 30

TELEF. 50595

2.ª SEMANA

AS CHAVES DO REINO

com Thomas Mitcheel, Vincent Price e Roddy Mc Dowal

TELEFONE 26305

Politeama

HOJE ÁS 21.30

2.ª semana

SOL DE SANGUE

com Margo e Tom Neal (um combate entre um «boxeur» e um campeão de «jiu-jiutsu»

CONDES

A's 21 e 30

Telef. 22253

2.ª SEMANA

SAHARA

com Hermphrey Bogart, Bruce Bermett e J. Carrol Naish

REX

Telef. 29656

A's 21 e 15

Serenata boémia

A sedutora aventureira

TERRASSE

telef. 20917 — A s 21 e 15

CASABLANCA

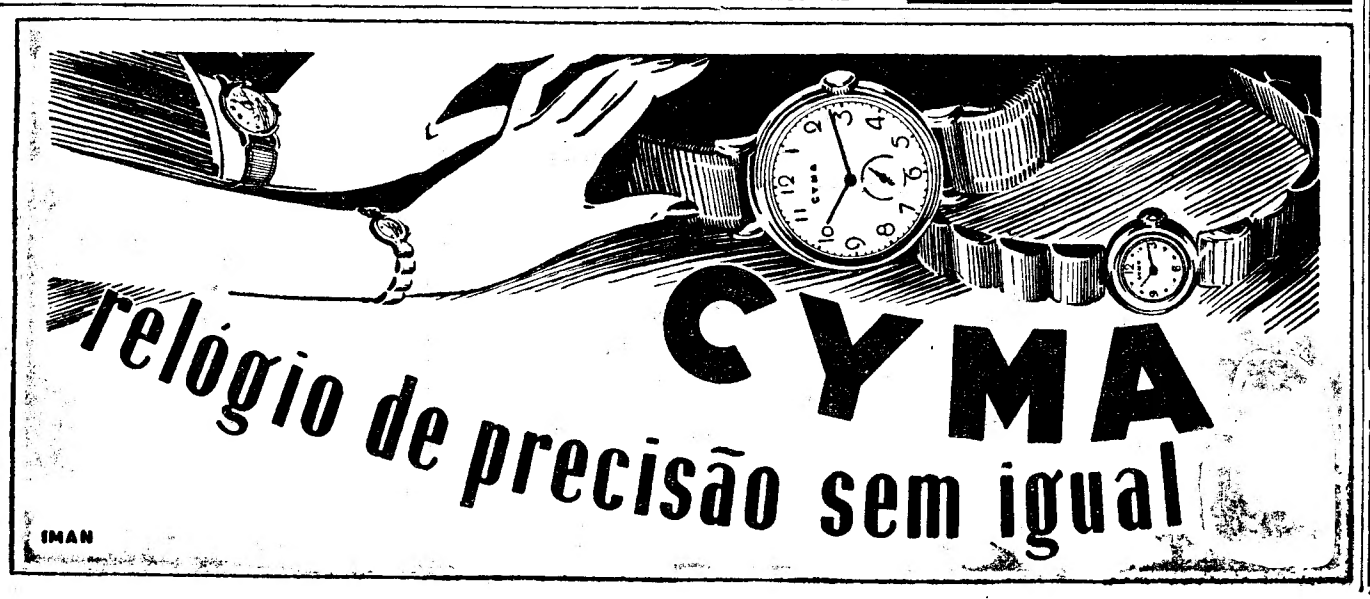
Anjos da terra

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30

Os três Mosquiteiros da risota

com os Irmãos Ritz



NOTAVEL COMPANHIA DE ZARZUELA

Luiz SAGI-VELA

ESTREIA na próxima 4.ª feira 21 de novembro

no CAPITOLIO

com a célebre zarzuela em 3 actos do maestro MORENO TORROBA, com mais de 10:000 representações

Luiz SAGI-VELA

Grande cantor

LUISA FERNANDA

BERTA CARDOSO

Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11

LOUBET RBAVO

Hoje cantam: «a voz de oiro do Fado», **BERTA CARDOSO, LOUBET BRAVO** (cantor) **Maria Virginia, Julio Vieitas, Alberto Cardia, Armando Gonçalves. Guitarradas** por **Francisco Carvalhinho** e **Pais da Silva. Amanhã**, imponente «**matinée**», com os categorizados artistas: **NOEMIA CRISTINA, Fernanda Baptista, JULIO PROENÇA, Joaquim Geraldes** e **Rogério Fernandes** (em humorismo). **MONUMENTAL** tem sempre os melhores **programas**, porque os melhores **artistas** são **todos seus contratados, privativos.**

LISBOA MUSIC-HALL

PARQUE MAYER

E' HOJE às 21,30 que a Empresa da nova casa de espectáculos «LISBOA-MUSIC-HALL» apresenta

UM NOVO PROGRAMA

Estreia dos distintos artistas MARIA DO ROSARIO — SALES RIBEIRO

Branca Velez - Daniel Martins - Simone Monteiro - Fernandisidro

Nilza Moreno - Fernando Laidley - Itamar - Pepita de Hevir e

5 — GRANDES ATRACÇÕES — 5

MANOLO BELL e a sua extraordinária Orquestra — MARY MERCHE, a insinuante vedeta de Jazz — PEPITA MARCO, bailarina de grande classe JOSE' PUERTAS, o rei do violino e ainda a aplaudida orquestra CARAVANA

HOJE: Distribuição a todas as senhoras dos excelentes produtos Dorlan. Oferta da acreditada Fábrica «DORLAN».

AMANHÃ — Uma animada «matinée» áa 16 horas

TRINDADE HOJE às 21,45

UM EXITO ASSOMBROSO

A célebre comédia de BERNARD SHAW

Pigmalião

com LALANDE, ASSIS e ANTONIO SILVA

Amanhã, «matinée» ás 16 horas

MARIA VITORIA Telefone 22746

2 SESSÕES: Ás 20,30 e 22,45

LUISA SATANELA

na revista popular

A VITÓRIA

com o quadro nove

«O CARRO DO CAMPO 28 DE MAIO E O CARRO ALMIRANTE REIS»

Um sucesso de gargalhada

Amanhã, as 16 horas, «matinée»

IRESITA PENA

Cantora sul-americana

CONCHITA MOÑOZ

GRANDE ANIMADORA E GUITARRISTA

LABIAGA

EXIMIO SAXOFONISTA

MONTÓRIO

UM GRANDE VIOLINISTA

MANOEL SORIANO

UM FENOMENO EM CLARINETE

ROBERT CAMPOS

ALEGRE BATERISTA

GARRIDO

EXTRAORDINARIO CONTRABAIXISTA

TEODORO PRIETO

NOTAVEL PIANISTA DE «JAZZ» E TANGOS

ANDRÉS MOLTÓ

O MAGO DA TROMPETA

PEÇAM QUINADO

POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.ª

Rua da Rosa, 198 — Telef. 25565

O MOMENTO POLITICO

O depoimento de um antigo secretário do Centro Académico de Democracia Cristã

(Continuação da 1.ª pag.)

ciencia individual como uma aspiração continua que se formula em reivindicações de justiça politica, economica e social. E é por isto mesmo que, como se verifica no actual Movimento, ela reune pessoas que defendem regimes diferentes, visto que a Democracia é um ideal para todos os regimes em que não se prostergam os direitos, dos cidadãos e que correspondem ás tradições, á maneira de ser colectiva, ao interêsse e á vontade livre da Nação. O Ludvig disse isto por uma forma só aparentemente desconcertante ao escrever que o sistema monárquico têve sempre as suas vantagens mais nitidamente reconhecidas nas democracias, e as suas desvantagens nas monárquias. E Maritain, que entende que «os principios da filosofia democrática tendem para a forma republicana como para a sua expressão mais normal», disse famosamente que a tragédia das democracias modernas está (hoje podemos já dizer que estêve) em que elas não conseguiram realizar a Democracia.

—O que envolve uma questão dentro dos regimes, e até do que geralmente se diz ser democracia...

—Exactamente: «a passagem da democracia burguesa, ressequida de hipocrisias e sem seiva evangélica, para a Democracia integralmente humana; da democracia falhada para o Democracia real».

—No entanto, a soberania do povo...

—A Democracia não é a soberania do povo porque em Democracia não há soberano. A sua definição perfeita foi dada ao mundo genialmente por Abraão Lincoln: «o govêrno do povo, pelo povo e para o povo». Em. Democracia o povo ascende, como cidadão e trabalhador, á sua maioridade política e social, mas por isto e para isto mesmo o poder legislativo tem de ser exercido pelos representantes, livremente eleitos, do povo, e o poder governamental por delegados constitucionalmente designados pelo povo e controlados pelo povo. A Democracia é isto e só isto. Como as grandes verdades não caréce nem admite adjetivações porque é indeformável. Ou é assim ou não existe.

—Mas restam a realização e a realidade.

—O que resta é que a Democracia não existiu e hoje menos que nunca no nosso país. O que resta é que o povo português continua a esperar por ela para a conhecer e a viver como ideal de justiça traduzido em reformas que nem em Monarquia nem em Republica ainda foram realizadas. O que resta é que a Democracia não é, como pretendem os seus adversários, boneco de barro pintado a verde e vermelho e coifado de barrete frígio que se coloque nas prateleiras da loja para chamar fregueses ao engano. O que resta e é o mais lamentável é que ainda seja preciso reivindicar em Portugal, no ano de 1945 e sobretudo depois da vitória das Nações Unidas, estes principios e ideais que são do património secular da Nação Portuguesa e alicerce indeslocável das nações de adiantada civilização. Eis a realidade que resta. Parece que em vez de andar, desandamos.

A ditadura-regime e o totalitarismo

—Mas não há os casos de ditaduras necessarias?

—Precisamente porque são casos, as ditaduras são apenas episódios e como tais transitorias. A ditadura nunca pode, ser um regime normal de governar. E os países que se sujeitam com relativa frequencia a tal recurso (e parece-me que a este respeito o nosso bate um *record* deploravel) revelam que neles não há educação civica perfeita nem uma vida politica economica e social em ritmo de progresso equilibrado, persistente e normal. A prova é que ainda agora e a cada passo se nos citam nas folhas, aliás sem o menor resultado, as ultimas eleições britanicas..... Foram os romanos que inventaram a palavra ditadura para designar um cargo em qûe, sob a republica, havia necessidade de conciliar o poder militar com o poder civil. Mas importa vincar que em Roma a ditadura só foi admitida com duas condições. a de que o país estivesse em perigo, e a de que ao fim de seis meses o poder fosse devolvido ás autoridades legais.

Imagine há que seculos isto foi!

—No entanto é inegavel que grandes reformas e realizações foram levadas a cabo em ditadura.

—E quem o nega? A virtude da denominada oposição está em não negar as realidades. Porque quero a justiça, faço e rendo justiça á verdade e ao valor dos homens que a merecem. Conheço a historia. Sei separar o trigo do joio. Ditaduras sempre as houve. Os causticos podem salvar doentes, mas ninguem pode viver com causticos permanentes. Nada de confusões. Não se trata da ditadura episódica e transitoria. Trata-se da ditadura—regime de Estado. E a ditadura-regime de Estado foi e é o fenómeno maligno do nosso tempo.

— E como surgiu ele então?

—A ditadura tornou-se regime de Estado, a a que os teóricos do fascismo puseram, e bem, a caracteristica de totalitario, depois que Lenine, sem duvida uma figura dominante neste primeiro meádo do seculo, veio, na sua famosa doutrina dos dois triangulos—o do partido unico metido dentrô e suportando o do Estado—ensinar aos outros chefes ditatoriais a lição e os padrões que a guerra ou melhor a revolução da guerra felizmente derrubou, até na Russia! A diferença é que os discipulos, renegando ao mestre, desataram depois a usar, mais ou menos vociferado, o *slogan* da luta anti-moscovita ao comunismo para obterem, por alarme, maior coesão nas massas, que os conservasse a todo o custo e por mais tempo no poder. Tiveram essas aventuras sinistras de esclavagismo nazismo e do fascismo. Circunstancias favoraveis. Mas o fóco originario do que sofremos, é aquele.

O Estado em Democracia

—E que conclue?

—Concluo que é puro sofisma confundir Democracia com Comunismo e andar a prégar que só por meio ds ditaduras—regimes é possivel dar e manter a ordem perfeita no Estado. A Democracia exige que a Autoridade tenha uma base moral e juridica, que é precisamente o fundamento da ordem não só no Estado mas na sociedade. E sem ordem nesta, que resulta da educação e formação individual, aquela não pode existir. O que repugna em Democracia e á Democracia—como á ideia, eminentemente latina, da responsabilidade moral e juridica do Poder e de quem o detem—é a concepção do Estado omnipotente e discricionario, metido numa paliçada de ferro diante de uma nação servilizada e amorfa (e é de lembrar que os chefesfes e doutrinadores do totalitarismo têm como norma de intolerancia «cortar as papóilas altas», segundo uma expressão tambem Soviética), absorvendo em si mesmo a titulo de disciplinamentos, os direitos dos cidadãos e da livre iniciativa privada, ou dos orgãos autónomos, emanados da Comunidade nacional, pelos quais esses direitos e actividades se exercem. Essa concepção é anti-humana, anti-juridica e absurda. E' em Democracia que se obtem a conciliação exacta do individual e do social, da Liberdade e da Autoridade, sem sacrificar nenhum destes termos da equação.

O argumento dos «êrros do passado»

—Argumenta-se, como sabe, que «os erros do passado» justificam os regimes de autoritarismo totalitario.

—Bem sei. Mas porque não se diz o que foi a obra construtiva realizada nos desasseis primeiros a nos da Republica, com a mesma isenção com que a oposição reconhece o que de bom ou menos imperfeito foi levado a cabo pelo actual regime nos ultimos dezanove anos —como ordena a boa justiça? E porque não se fala tambem nos erros do actual regime? O que vale são as resultantes uteis para a Nação, não são os erros, desde que se corrijam.

Mas se com o tal argumento se intenta fazer referencia a um estado de desordem que sem duvida muito fez sofrer a nação, respondem-lhe estas palavras do filósofo e sociólogo francês, que já citei, e que lhe eio: «Desde a Revolução Francesa e a explosão de idealismo cristão laicisado que ela provocou na historia, o sentido da liberdade e o sentido da justiça social agitaram e revolveram a nossa civilização, mas é preciso ter uma alma de escravo para desejar o aniquilamento desse sentido de liberdade e de justiça por causa de sofrimentos e desordens que ele haja ocasionado». Aplique isto a Portugal e a resposta ganha uma claridade ofuscante.

De resto, não é licito esquecer que essas desordens foram e são exprobadas por muitos e dignos homens da Republica, alguns felizmente vivos, que honraram o seu país ao serviço da Nação, e a quem só um facciosismo de *botocudos* não respeita nem rende justiça, porque até não raro os injuria ou difama, usando de processos que recordam os piores desmandos da Imprensa facciosa de outros tempos.

Quando se criará, até por imposição, neste país inerme o espirito fidalgo da tolerancia e do respeito mutuo, na troca das ideias e no trato das pessoas, que no fundo e na forma, são simples e comesinhos preceitos de boa educação?

Esse estado de desordem, combateu-o tambem posso dize-lo, a geração a que me honro de pertencer.

Mas, além disto, há-de ter-se em atenção outro acto muito importante.

O facto novo

—Qual?

—O de que há em Portugal duas gerações inteiras (e a mais velha com altos valores afirmados em diferentes profissões, provados em proficientes trabalhos, que a alguns deram justo renome no mundo cientifico) as quais, talvez porque tentaram quebrar-lhes as asas logo aos primeiros vôos nunca souberam nem experimentaram no seu país a livre e legitima posição dos direitos de cidadania, porque quando nasceram ou atingiram a maioridade intelectual já eles tinham sido abolidos. E isto é simplesmente horrivel na formação moral e intelectual do homem. Lembra a *Lei do Ventre* que levantou a alma do Brasil contra a escravatura.

Nessas gerações há milhares de rapazes e homens de diversas opiniões e crenças, politicas, sociais, economicas e religiosas. Mas quem algum dia privou com eles, verificou a sua vibrante aspiração da Liberdade como condição dominante e prévia da Democracia. Ora, nenhuma dessas gerações tem responsabilidades no passado. E eu pregunto porque é que invocando-se simples divergencias de opinião politica, é vedado a esses rapazes e homens o direito de servir a Nação que aliás não pode dispensá-los para as reconstruções e edificações de hoje e de amanhã e bem assim o direito de serem compensados das relegações ou preterições a que um criterio estreito e errado da educação oficial os condenou sem defesa com a mais clamorosa das injustiças e por vezes até com desprestigio da cultura nacional perante a cultura estrangeira?

Essas gerações, a meu ver, são as portadoras do espirito novo nas reformas democraticas da vida nacional. Elas compreendem e sentem como ninguem aquela afirmação feliz do professor Harold Laski, citada por Leão Blum na conferencia que em outubro passado concedeu á Imprensa franco-britanica em Londres: «Pode ser que a liberdade não seja o maior de todos os bens, mas se existem bens maiores, nenhum deles pode ser conseguido sem liberdade». Eu creio em que o advento e a presença desses rapazes e homens portugueses, com o seu pensamento sua vontade, na vida publica do país, são o facto mais impressionante no actual Movimento de ideias e em acção, a sua nota dominante e a sua melhor promessa.

A causa e a evolução da crise

—Em face de tudo o que vem de expôr, como encara a actual crise?

—O povo português há cêrca de um seculo tem vivido isolado da coisa publica, mantido longe da vida do Estado e dos orgãos constitucionais da soberania, subalternizado e explorado por conjuras de grupos politicos, economicos e financeiros que o dominam como oligarquias. Deste estado de coisas geraram-se desastres, lutas fraticidas, pronunciamentos, desordens na administração publica, rixas de facções. Foi uma destas crises agudas que justificou ou explicou o movimento militar de 28 de Maio de 1926 contra uma situação a que ninguem quere voltar, a não ser os aventureiros e os prevaricadores.

Com este acontecimento revolucionario que eclodiu entre as melhores esperanças, teria chegado a hora de libertar o povo daquelas dominações oligárquicas, chamando-o á vida do Estado, á actividade de todos os sectores, de realizar as reformas, de criar as condições para a solução do nosso problema social.

Sei e conheço, e por isto reconheço sem esforço que durante estes ultimos dezanove anos houve e ha realizações e obras perfeitas de alto interesse publico quer na administração do Estado quer na vida e corpo da Nação, e que há outras susceptiveis de se aperfeiçoarem. Não esqueço que a um periodo de tumultos sucederam anos de ordem nas ruas, não esqueço que uma politica feliz, feita de acôrdo com a Inglaterra, nos preservou das desgraças da guerra nem o prestigio internacional da Nação.

Mas pregunto se é licito afirmar-se que não há erros e grandes e que tudo quanto se fez é óptimo e indiscutivel, insusceptivel de ser transformado, substituido, rectificado ou emendado, quando patentemente se verifica que organizações até de caracter constitucional se perverteram a despeito do seu interesse publico, e reclamam aquela reverendissima reforma de que falava em Trento o arcebispo bracarense.

E então, salvo o devido respeito por opiniões sinceras em contrario, encontro que na origem da crise que ao fim de dezanove anos fére o regime, está precisamente o facto de que, a certas alturas, não houve a compreensão de que só mediante uma forte intervenco popular—num governo do povo, pelo povo e para o povo—poderia, com a colaboração de todos os valores nacionais estivessem onde estivessem, ter-se realizado pela primeira vez neste país a Democracia Nacional, e com tanta maior vantagem, quanto o poder tinha tudo na mão, e não via forças de oposição seria diante de si. A livre discussão dos actos do governo na Imprensa e no corpo legislativo teria impedido os erros e imperfeições que se evidenciam na obra do Estado Novo, permitindo completar o que se iniciara, evitado as deflagrações descanalizadas das criticas e aborrecimentos.

Sei fazer justiça aos valores alguns notaveis de muitos homens que durante todo este longo periodo passaram ou passam pelas cadeiras do poder, mas a verdade dos factos não pode negar-se.

A causa do que vemos não está nos homens. Está em que se preferiu, sob a influencia de doutrinas estrangeiras (mais uma vez na nossa historia moderna) instaurar, em vez da Democracia, uma ditadura-regime de Estado, embora com caracteristicas próprias, mas com métodos e processos análogos a outros então triunfantes. A livre representação do povo no orgão legislativo foi substituida, á alemã ou á italiana, pelo partido unico.

A' sombra disto, e da censura, os «cambões» medraram.

Vozes sensatas, tentativas geneosas advertiram do perigo de se governar longe do povo, em circulo fechado e de portas cerradas, de se criarem clientelas exclusivistas, de não se admitir a discussão livre, de se repelirem valores do melhor quilate de não se consultar nem ouvir; lembraram que a aura do fascismo tombaria no ocaso, que era preciso abrir valvulas de segurança, mudar de rumo a tempo. Tudo foi inutil... e milhares de portugueses o lamentam!

—E como vê a evolução das consequencias dos factos que acaba de apontar?

—Como sempre sucede (e pensam como eu pessoas de alto valor na situação) a revitalisação necessaria do regime não se produziu, nem nas ideias, nem nos quadros nem nas pessoas. Tudo se passa como no principio. E em muitos casos as «équipes» ou escassearam ou, falharam. Continuou a governar-se anti-democraticamente, de rijo e de cima para baixo, verticalmente, sem os indispensaveis contactos com a vontade popular e com as aspirações das classes livremente expressas. E emquanto isto ocorria e os «interesses criados» empunhavam as alavancas de comando e de execução, mudou o ambiente internacional e nacional que imprudente e imprevidentemente se julgara imutavel. Era compreensivel que de inicio a exigencias de uma defesa rigida impusessem a rigidez de processos, mas não que assim se procedesse durante dezanove anos a fio.

—E então...

—Então a vitoria das Nações Unidas (apesar do sr. Churchill, metendo na gaveta a Carta do Atlantico negar a certa altura que a guerra era uma luta de ideologias) foi a vitoria da Democracia, de uma ideologia diferente e contraria á que o regime perfilhara, da ideologia que ele combatera por actos e palavras, mas fora da qual já não é possivel viver no mundo de hoje e de amanhã.

A crise economica geral estalou e laborou sobre uma transformação social operada como em seguida á Revolução Francesa, por deslocamentos e revolvimentos de categorias sociais. Aqui, como em toda a parte, essa crise e os imperativos ideologicos dessa transformação social fizeram explodir a crise politica, latente mas visivel. Porventura não se perderam ou correm irreparavel risco de se perderem muitos esforços uteis e enormes sacrificios empenhados pela Nação?

E' que a politica continua a ser a arte de saber prevêr. Era de esperar que tudo isto viesse a desencadear, mais cedo ou mais tarde, uma reacção. A ela estamos assistindo...

Uma reacção que se repete

—Em que sentido?

—A reacção produz-se no sentido em que sempre se produziu em outras crises anteriores: no sentido de uma instauração perfeita da Democracia em Portugal. Pelo exercicio dos direitos Constitucionais dos cidadãos, pelo equilibrio de intensa renovação economica libertada da pressão plutocrática, pela vigorosa reforma que garanta ao trabalhador um melhor *Standard* de vida e o direito de participar do rendimento das empresas; ou em suma, contra o que estava e contra o que está, para empregar uma fór-

(Continua na 13.ª pag.)

eva
do Natal de 1945
No primeiro, segundo, terceiro e quarto prémios, respectivamente:
CINQUENTA, VINTE, DEZ e CINCO CONTOS
em compras á escolha dos premiados e um bilhete inteiro e meios bilhetes para a lotaria do Natal, com os numeros seguintes:
3574 - 25353
10442 - 20529
INSCREVAM-SE

O MOMENTO POLITICO

O que nos disse o dr. Mário de Azevedo Gomes

(Continuação da 1.ª pag.)

exclusivo da argumentação que se debate, aspecto aliás proeminente na propaganda da situação, que é o dos principios materiais que lhe estamos devendo, através do conjunto das várias *obras* realizadas. Para o Chefe do Govêrno, êste lado da questão que se debate é mesmo decisivo; estamos em presença da pedra de toque das virtudes do sistema; são os próprios factos, á vista de todos, a justificarem-no a êle e ao Estado Novo.

A obra do Govêrno

E prosseguiu:

—Figuro que se trata como que dum tesouro encerrado em cofre magnifico. Abramos êste cofre, inventariemos o seu conteudo e comentêmos o que nos diz o inventário. Duas especies de autoridade são necessárias para realizar esta singular tarefa: autoridade moral e autoridade tecnica. Espero que me sejam reconhecidas ambas. Quanto á primeira, direi como professor universitário dos que assinaram as *famosas listas*, que tenho como ultrajante, e assim a repilo, a feição de menos *nacionalista* que me queiram atribuir, a mim como a qualquer outro dos meus colegas, no exercício da missão, docente ou qualquer:

«Julgo-me tão português como o Presidente do Ministério, tão patriota como S. Ex.ª, tão nacionalista como S. Ex.ª é. Só não pertenço á União *que se diz* Nacional, e por aqui nos distinguimos, é evidente. Quanto á segunda espécie de autoridade, a técnica, também aceito como bôa a doutrino da entrevista de que devem falar os homens só daquilo que entendem». E como vou falar aqui essencialmente de problemas de inspiração económica, quer ecnomicos, quer sociais, espero pelo menos, a respeito deles não ficar áquem da competência... dum professor de Direito.

O nosso entrevistado entra, em seguida na analise da obra da situação:

—Como preambulo dos louvores tecidos á obra feita, e até certo ponto, deduz-se, como prova dos seus efeitos, afirma o Chefe do Govêrno, que o nivel de vida nacional, embora sempre baixo, «é em todo o caso (agora) bastante mais alto que em 1926». Ouvi e pasmei! Tenho-me dado ao trabalho, com mais alguns colegas, de apurar dados economicos relativos a esta questão. Publicámos não há muito, pelo Centro dos Estudos Economicos, os engenheiros agronomos, prof. Henrique de Barros, Castro Caldas e eu, uma apreciação ácerca da «Evolução da Agricultura Portuguesa entre as duas guerras mundiais». Ali se focam, como não podia deixar de ser, aspectos relativos á população, ás produções, ao consumo, ao comércio, etc. Da informação estatistica, feitas todas as reservas que esta comporta, concluimos entre outras coisas: «que a população portuguesa manifesta tendencia para ocupar-se mais intensamente em profissões não agricolas» sinal presumivel das dificuldades da vida no campo; «que, na maior percentagem, os que trabalham na agricultura vivem como assalariados», e sabe-se que os salários não acompanham o aumento de custo da vida; «que a capitação alimentar média da nossa gente parece ter baixado em vez de elevar-se» (de 2.201 calorias teria passado a 1.812 diárias)—o que nôs levou a escrever, tendo em conta os acrescimos proporcionais: *somos mais, mas alimentamo-nos pior;* e, por ultimo, que continua a ser predominantemente agricola a nossa população. Que daqui possa inferir-se melhoria das condições de vida, para o país como um todo, eis o que não parece possivel. Mas há outros indices: fizeram-se inqueritos directos: fê-los o Comissariado do Desemprêgo, também os iniciou a Estação Agrária Nacional e assim a Comissão de Estudo da Alimentação Rural; em caso nenhum—que eu saiba—houve outra conclusão a tirar senão a do nivel muito baixo do agricola português, denográficamente dominante.

O sr. professor Mário de Azevedo Gomes formula a seguinte pregunta a que logo responde:

—São as cidades, os centros industriais, os nucleos do operariado, os quadros do funcionalismo que assinalam (embora em minoria) êsse melhor nivel de vida? Também parece, pelo menos duvidoso. Claro que se criou riqueza, e mormente na atmosfera dos negócios trazida pela guerra, mas tal riqueza não logra jámais distribuir-se, a ponto de influir na marcha geral do fenomeno do nivel de vida para um povo, como o nosso é.

—Mas quanto a obras, propriamente?

—Devo dizer, antes de mais, que não vi ninguem da oposição negar até agora o valor de certos empreendimentos, o enriquecimento do património nacional que representa o melhoramento das comunicações telegráficas e telefonicas, o saneamento de certos edificios publicos, o apetrechamento de alguns portos, a reparação das estradas de várias classes, etc etc. Não nos pertence negar a evidência, mas sim apreciá-la na justa medida e como bons portugueses declarar simplesmente: ora ainda bem que tal se fez! Porém, já se pode, usando de critério selectivo, discutir—ainda mesmo sem sêrmos da especialidade—se tudo quanto fica feito e foi erguido em louvor do Estado Novo o foi de facto para maior serviço da Nação. A prioridade dada aos diversos empreendimentos, a ordem de preferência e o lugar que ocupariam cada qual num plano de conjunto, devidamente amadurecido, para o provento nacional, eis o que pode conduzir a sérios reparos.

—Aqui estamos para registar...

—O país é pobre, di-lo o sr. Presidente do Ministério, e nós o sabêmos bem; logo não pode pagar luxos, não lhe estão a caracter as obras de espavento. Muitos portugueses vivem mal, a instrução no geral é deficiente, assim a assistência, questões e necessidades fundamentais; logo, parece que tudo deve ser feito, primeiro, no sentido da satisfação do essencial, atendendo depois ao secundário; e dando de mão no superfluo.

Ora parece que há por aí obras que são próprias de país rico e não servem de nenhum modo as necessidades primárias do povo.

Alguem pode, por exemplo, justificar como devendo ter a primasia, essa obra grandiosa da auto-estrada? Não estará aqui o indice dum certo pendor para a grandeza espectaculosa reprovavel? Porém, adiante; nada de cair no êrro de discutir em campo alheio...

As misérias da vida rural

E no tom severo em que sempre aborda os problemas que com tanto afã tem estudado e procurado esclaracer, o nosso entrevistado continua:

—Abuliremos-nos das iniciativas e das obras que mais interessara a agricola. Para êste agricola, melhor direi para o rural (olhando também aos aspectos florestais que a fisiografia nos impõem), têm que ir as especiais simpatias do sociologo, do economista, do politico. No seu labor reside o fulcro da existência da Nação. Todavia, se me afigura continuar êle sendo o mais desprotegido das várias classes; o mais distante, com certeza, dos beneficios que encarnam a civilização. Há quadros e quadros, a comprovádo. Esse dos ranchos migratórios da faina dos arozais ficou bem desenhado nas reportagens do «Diário de Lisboa». E a vida dos povos serranos? As suas habitações, o seu regime alimentar? Não foi com certeza nisto que estava pensando o sr. subsecretário da Agricultura, colega a cujos dotes de trabalho e coração presto homenagem, ao gabar em jornada de propaganda os aspectos que reveste o povoamento do agro português. Se lá fora, em razão da guerra (e só depois que ela veio) se arrasta uma vida de miseria nos campos, em Portugal é nos tempos de paz e, desde há muito, que parte da população quasi assim está vivendo.

«A constatação de que sômos país pobre, querendo com isto significar que somos bafejados pelos recursos da Natureza, não pode nos tempos modernos nem intimidar os tecnicos, nem amarrar os políticos a um fatalismo de resignação. Na verdade importam um balanço dado a todos as possibilidades, uma interpretação de todas as atividades produtoras, um *planeamento* geral (prefiro o termo ao de planificação) de modo a definir rumos de larga visão, que valham como definidores duma *politica nacional*. Tenho razões para supôr, como primeira crítica, que tais directrizes superiores que permitam, por exemplo, tirar de *cada obra todo o rendimento social do que é possivel*, e consintam cingir cada vez mais de perto o problema maximo da elevação do nivel de vida do nosso povo, que tais directrizes—digo—emanadas do planeamento geral não existem; ou então não estão, pelo menos, á vista dos estudiosos, ignorantes dos segredos dos deuses!

—Que valor atribue ás obras em curso?

—Das obras em curso, de indole agronómica, bem entendido agora, digo que lhes falta esse sentido imprescindivel *do social*. Julgo ainda que o esfôrço é desconexo e desligado, e, por vezes, filho de alicerces em que se apoie com segurança.

A reforma agrária

E logo declara:

—Não viu anunciar (parece-me que é a primeira vez) o sr. Presidente do Ministério na sua segunda entrevista que falta agora, *uma profunda reforma agraria?*». Agora? Só agora, deveras? Pois a mim me parece que desde sempre. Aqui está, para vários aspectos, o tal alicerce que vem faltando. Na sua ausência, obras que S. Ex.ª inclue no activo do Estado Novo pouco mais são hoje do que estudos de gabinete; projectos, se quiser; obras é que não são. Refiro, em particular, o que se passa com a chamada Colonização Interna. Nêste sector dos serviços do Estado encontra-se reunido um nucleo, dos mais dignos de estima, de técnicos da minha classe; êles saberão, de facto, o que deve entender-se, em país como o nosso, por colonização interna; têm-se a pouco e pouco abeirado das realidades inerentes ás iniciativas desta ordem; mas dizer que fizeram obra de colonização que tinha vulto para figurar dignamente no activo de 20 anos duma situação de Govêrno, penso que é levar longe de mais os louvores em causa propria! A' colonização, de facto, falta o apoio da Reforma Agraria. Começou-se, acaso, o edificio pelo tecto, para pôr as coisas em termos simples.

E observa:

—Já se não diz o mesmo, bem entendido, das Obras da Hidraulica Agricola, umas das marcantes iniciativas que cumpre louvar. Tal como ficou, porém, já escrito naquela mesma obra de que sou co-autor atrás citada, também entendo que falta aqui êsse sentido do *social*. Obra de engenharia é uma coisa; obra de alcance económico outra; outra ainda—e esta a coroar tudo mais— a obra de alcance social. Eis o que escrevemos a propósito: «Cumpre que o projecto de Hidraulica seja acompanhado e completado com os necessários projectos de colonização e de reorganização agraria, tendentes a conseguir alterações na posse ou pelo menos na usufruição das terras beneficiadas, de modo a que a água passe a ser fornecida a quem saiba, queira e precise utilizá-la». A mais do que isto também censuramos o espirito dominante no legislador, para êstes melhoramentos, de rehaver prontamente a amortização do custo das obras, espirito que é a sobrevivência —cuido eu—do critério financeiro puro que foi uma das vincadas caracteristicas iniciais da presente situação. As reclamações—os serviços as conhecem bem—têm sido numerosas e constantes; tanto que o Estado (bem contra vontade evidentemente) nada teria cobrado até á data em que fizemos aquele trabalho—começo dêste ano dos beneficiarios das obras concluidas.

Surge em seguida, uma alusão ao povoamento florestal e o sr. professor Mário de Azevedo Gomes afirma:

—Obra de vulto quanto á concepção, que padece apenas, quanto a mim, da desintegração—que atinge tudo mais— do tal planeamento geral. Já se pensou o que faremos das novas massas lenhosas? De acentuadamente florestal que o país passa a ser caminharemos para a montagem das industrias correlativas? Como se congregam Agricultura e Silvicultura no solo pátrio? Que marcha deverá ser a das próximas gerações? Que participação—problema instante, agora que as escolas superiores abarrotam de gente—deve vir a caber aos vários ramos técnicos profissionais na condução da gente portuguesa nos caminhos do futuro que está á vista? Não se pode realmente pensar numa iniciativa da grandeza daquela que consiste em arborizar em 30 anos cêrca de 400.000 hectares de serranias, sem atender a todo êste conjunto de circunstancias de que será tecida a complicada rêde das actividades nacionais.

—E quanto a execução dos trabalhos em si?

—Isso está fora da nossa discussão nêste momento; ela não cabe nas responsabilidades directas dos planos de govêrno. Entretanto, pertence a êste cercar os técnicos encarregados duma tarefa grande e dificil, ardua por vezes, sempre ingrata pela demora na colheita dos resultados, daquele apoio moral e material que signifique que o Estado compreende o que vale a missão. Não é—*questão da responsabilidade exclusiva desta situação*—colocando os engenheiros silvicultores numa situação de inferioridade para com classes equivalentes que tal compreensão se afirma, com certeza—diga-se de passagem.

Os problemas da colonização

A entrevista não pode prolongar-se muito mais. O ilustre professor, reconhecendo que as exigências do espaço nos obrigam a abreviar a sua critica, manifesta-nos ainda o desejo de aludir a dois pontos que enumera:

—Um dêles também faz parte da segunda entrevista do sr. Presidente do Ministério; o da colonização, considerada até aos extremos limites do Império. Pelas informações que tenho, a ocupação cientifica e técnica do território ultramarino português continua a ser realizada com um ritmo de todo o ponto inconveniente. Sinto como português ter de dizê-lo, e como professor de Agronomia não menos; a actividade que se desenrola nêsse ultramar, cuja valorização pende, acima de tudo, para a Agricultura, não está nem de longe—acompanhada como havia de sê-lo pelos técnicos da minha classe. E no mais, estranho seria que já se observassem além os planos de superior visão de conjunto, que nos faltam cá dentro.

E acrescenta:

—A outra referência, igualmente baseada em afirmações feitas, é esta: a situação não tem ao seu dispôr nas posições de destaque, nos lugares da maior responsabilidade, tudo aquilo que a preparação dos nossos quadros profissionais podia proporcionar ao país; o seu campo de selecção de valores é desde logo por vezes bastante restrito; ao contrário do que se pode deduzir de certas frases das entrevistas, a *questão de confiança* é posta muitas vezes. Veja, por exemplo, o que se passa com as direcções das escolas. Acaso existe, como dantes, o processo da eleição? Claro que não existe; isso é para a democracia! E desta forma, e por tais artes selectivas, pode bem suceder que não vá o mais apto ao lugar que de direito lhe pertence.

O professor em face do professor

O professor Mário de Azevedo Gomes encerra assim a conversa que acedeu a ter connosco:

—Das negações que opus, quando não simples reparos, aos desmedidos louvores com que o sr. Presidente do Conselho nos quere impôr a todas a excelencia irrecusavel da sua própria obra, eu deduzo, pela forma como insiste em certas declarações que não sei como possam comprovar-se, que S. Ex.ª está *mal informado*. Porquê essa má informação, isso não sei, nem me pertence sabe-lo. Mas mal informado creio que está. Isto e algumas coisas mais do mesmo genero eu poderia de viva voz, de homem para homem, de professor para professor, de português para português, dizer um dia a S. Ex.ª, se houvesse de verificar-se a hipotese de nos encontrarmos a conversar. Claro é, porém, que se trata de mera hipotese: nem S. Ex.ª tem o desejo de ouvir-me nem eu o de encontrar-me com S. Ex.ª. Separa-nos aos dois como que um fosso intransponivel. Somos da formação mental assaz diferente. Por mim, vejo na omniscencia a negação da própria ciência, na omnipotencia operante uma hipertrofia patologica do exercicio da vontade, no autoritarismo a condenação das virtudes sociais da autoridade legitima. Por mim, para dizer tudo em duas palavras mais, sinto tambem que nos separa a distancia consideravel que nesta terra portuguesa em que vivemos vai da Avenida da *Liberdade*... ao Tarrafal!

4 LIVROS DE REAL INTERESSE

recentemente editados no Brasil e que acabam de chegar a Portugal:

DEMOCRACIA, LIBERDADE, IGUALDADE — (Os Três Caminhos) por **Pontes de Miranda**

Um livro de grande actualidade, escrito por um grande cientista que recorreu até á formação de sistemas lógicos segundo a lógica moderna, para descobrir a natureza de certos principios juridicos das Constituições

OBJECTIVOS DE GUERRA dos E. E. U. U., *por Walter Lippman*

E' necessario conhecer este livro do grande jornalista americano, para estar em contacto com a realidade do momento historico que vivemos.

DIAS DECISIVOS, *por Sumer Welles*

Eis um corajoso livro que procura o supremo ideal da felicidade humana, com a cooperação decidida e franca do povo dos Estados Unidos da America.

ARMA DA VITÓRIA, *por Stettinius*

Um livro que é um romance; o primeiro e tragico romance vivido pelo mundo inteiro, nas horas amargas em que o unico remedio era capitular e em que o unico remedio foi não capitular.

Adquira-os hoje mesmo no seu livreiro ou peça-os aos distribuidores

LIVROS DO BRASIL, L.DA — Rua Victor Cordon, 29 — LISBOA

Peça-nos o Catálogo Geral. Gratis.

O MOMENTO POLITICO

A posição do escritor perante a Censura

segundo Ferreira de Castro

(Continuação da 1.ª pag)

que a grande maioria dos romancistas portugueses não a tinha nem a tem. Para escrever conforme os canones da censura, o romancista devia fingir ignorar todas as grandes inquietações do homem do nosso tempo e escrever uns romances convencionais, deslocados da sua época, uns romances sujeitos a tantas restrições, que seria fastidioso enumerá-las todas aqui, tanto mais que elas são bem conhecidas. Escrever assim é uma verdadeira tortura. Porque o mal não está apenas no que a censura proíbe mas também no receio do que ela pode proibir. Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sôbre a mesa de trabalho—e essa invisivel, incorpórea presença tira-nos toda a espontaneidade, corta-nos todo o *élan*, obriga-nos a mascarar o nosso pensamento, quando não a abandoná-lo, sempre com aquela obsessão: «Eles deixarão passar isto?». Acontece, ás vezes, que nós nos sentimos pueril mente ricos, compensados de todos os esforços, só porque encontramos um conceito original, uma frase de bom talhe, uma cena bem traçada. Vamos, depois, a reler e verificamos que temos de nos despojar dessa pequena riqueza literária, que constitue a verdadeira recompensa de quem escreve, porque ela entrou, mesmo sem o querermos, em dominios proibidos. E—zás—toca a cortar, a substituir, a mastigar, a estragar! Eu não desejo aos que têm ideias diferentes das minhas, e que escrevem, uma tortura como esta que tem sido infligida aos escritores que não pertencem á actual situação politica

Romances proibidos

—E depois de escritos os livros?

—Depois de escritos, é o que todos nós sabemos. Aquilino Ribeiro, cuja obra constitue um monumento da nossa literatura, enviou, a pedido do seu editor, que temia represálias, um livro seu á censura. E a censura proibiu o livro de Aquilino. Alves Redol, um novo romancista cheio de talento, tem outro livro proibido também. José Régio, notável poeta e escritor, de quem a sua geração se orgulha, viu um romance seu retirado da circulação. Cito três casos e podia citar muitos outros de romances proibidos ou que os seus autores mutilaram forçados pela censura e isto sem me referir a obras literárias de outro género, que têm sofrido a mesma sorte. Raro é o livro português que não tenha tido, nos ultimos dez anos, complicações com a censura. Ora, aconteceu que foi, justamente, nesta ultima década, que apareceu, em Portugal, uma brilhantissima pleiade de jovens romancistas de talento, em tão grande numero como nunca houve entre nós. Simplesmente, êles não têm podido realizar-se integralmente, realizar a sua obra com a liberdade necessária a todo o trabalho de pensamento. Eles não têm podido fazer a obra que fariam noutras circunstancias. E isto não representa sómente um prejuizo para êles, mas, o que é muito mais grave, um enorme prejuizo para a colectividade.

O legado ao futuro

—Isto prejudica o futuro?

—Sem duvida alguma! Já disse que um país vale, especialmente, pela sua actuação intelectual e artistica, pela sua herança de pensamento e de arte. Isto é tão verdade que—doloroso contraste!—na recente guerra os govêrnos mostravam mais cuidado em salvar pedras lavradas e telas pintadas, do que as próprias vidas dos homens. Ora o que se tem estado a fazer em Portugal é desfalcar o futuro do legado espiritual que lhe podiamos deixar. Pregunto: quais serão as obras e figuras do nosso tempo de que se orgulharão os portugueses daqui a cem ou duzentos anos? Se alguns nomes contemporaneos sobreviverem e merecerem a admiração dos vindouros, quais serão eles? Serão os dos que censuram as obras literárias ou os dos censurados? Parece inutil a resposta. Dos vários homens da mesa do Santo Oficio só um chegou até nós: o tolerante frade que examinou os «Lusiadas». E chegou até nós porque, em vez de proibir os «Lusiadas», recomendou a sua publicação...

—Em todo o caso, tem aumentado, de ano para ano, o numero de livros publicados... Não é verdade?

E'. E cada vez se publica mais. Não sei quem disse no Parlamento inglês que os povos eram, hoje, mais inteligentes. Não serão mais inteligentes, mas são mais conscientes, mais cultos e sentem necessidade duma cultura cada vez maior. E, assim, o interesse pela leitura aumentou, apesar da radiofonia, dos grandes expressos europeus, dos aviões, da vida vertiginosa do nosso século, de que falavam alguns homens da minha geração e que, segundo êles, não deixaria tempo para lêr. Ora, nos ultimos dez anos, em todo o mundo, lê-se e publica-se muito mais do que se publicava e se lia até aí. Portugal não escapou á regra. O que acontece é que os livros nacionais publicados na ultima década, estão, geralmente, deformados pelos seus próprios autores, receosos da censura: e dos estrangeiros só quási se têm publicado livros caídos no dominio publico, isto é, livros com mais de cinquenta anos de idade, livros de mentalidade pretérita e, mesmo entre êsses, há alguns proibidos. Muitas, se não a maioria, das obras primas contemporaneas estrangeiras não podem ser lidas em Portugal. Sinto-me confrangido sempre que tomo conhecimento dos livros que a censura, por intermedio de circulares do Grémio dos Editores, proíbe os livreiros de venderem: são, em muitos casos, algumas das maiores obras do nosso século.

A responsabilidade dos censores

Agora Ferreira de Castro diz-nos:

—Há uma compreensivel tendencia para responsabilizar, pelo que acontece, os militares que fazem a censura. Eu não os conheço, nunca transpus a porta do edificio onde eles trabalham, nunca lhes pedi favor algum. Mas eu não ficaria bem com a minha consciencia se não fosse justo, se não dissesse que a culpa não é deles. A culpa é de quem os manda e do sistema que nos governa. Eles são simples funcionarios desse sistema. Pode ser que um seja mais tolerante ou compreensivo do que outro, pode ser que outro exagere, porque sendo o «mot d'ordre» recebido proclamar que o país não tem miseria, ele cortou um desenho para uma cronica de Diogo de Macedo sobre a Nazaré, porque, no desenho, um pescador tinha dois remendos na blusa... Podem acontecer muitas mais coisas de puro e absurdo criterio individual, mas a verdade é que a responsabilidade não é deles e se eles se mostrarem pouco rigorosos na censura serão, por sua vez, censurados. E esse receio justifica os cortes inconcebiveis que algumas vezes fazem.

História dum suicidio

—Tenho muito prazer em falar assim—acrescenta Ferreira de Castro—tanto mais que, por causa dum censor, deixei de escrever na Imprensa portuguesa.

—Como foi isso?

—Eu conto. Naturalmente, durante anos, eu, como todos quantos escrevem nos jornais, vi numerosos artigos meus cortados. Uma vez, cheguei a escrever três artigos sobre o mesmo assunto—sobre o Natal—e todos foram proibidos, porque neles eu aludia aos pobres que, nessa noite, tinham frio. Chega a parecer inverosimil, pelo que há de ingénuo nisto, que as esferas oficiais houvessem deliberado fazer acreditar o país e o estrangeiro que em Portugal ninguem tinha frio, nem fome, nem miseria, que havia, portanto, um Portugal que nós não viamos em parte alguma e que era diferente daquele que nós viamos todos os dias e em toda a parte. Tempos depois da supressão daqueles artigos, a censura cortava um novo trabalho meu. A historia é simples. O jornalista Simões Dias, director da revista «O Cinefilo», suicidara-se por amor da sua mulher, falecida tempos antes. E' um caso raro um homem suicidar-se pela morte da esposa e o caso de Simões Dias era mais raro ainda, porque ele, salvo da primeira tentativa de suicidio, dois meses depois voltava a atentar contra si—e desta vez fatalmente. A mãe de Simões Dias contou-me, a chorar, desesperadamente, o doloroso episodio e eu, compungido pela dor dessa infeliz mulher, escrevi um artigo sobre os sentimentos romanticos do seu filho, um artigo onde nem sequer empregava a palavra «suicidio» por saber que ela não era grata á censura. Apesar disso, o artigo foi cortado. Era uma falta de respeito que eu dificilmente posso conceber que se tenha pelo trabalho de alguem. Nesse dia resolvi deixar de escrever na Imprensa portuguesa. Se aparece, ás vezes, alguma coisa minha é um trecho de qualquer obra inédita. Mas se, por este lado, eu arrumava o caso, não podia arrumar, assim facilmente, a parte referente aos meus livros. Eu declaro aqui, com uma melancolia enorme, que só pode ser compreendida por outros escritores, que a minha obra literaria foi irremediavelmente prejudicada pela existencia da censura e que, mesmo vindo agora a liberdade, eu já não poderei recuperar o tempo perdido. Os assuntos que mais me empolgaram, aqueles em que eu poderia realizar completamente a minha personalidade, fui-os abandonando sucessivamente, por não serem compativeis com as instruções a que a censura obedecia. A' satisfação de descobrir o argumento dum romance sucedia sempre o desespero de ver que não o podia tratar.

—Pode exemplificar alguns deles?

—Claro que posso. Até 1935, como já disse, havia uma certa tolerancia para os romancistas. Foi até ai que eu escrevi, embora impondo-me, eu próprio, várias reservas, quatro dos meus cinco romances publicados. Depois, o regime existente foi-se julgando mais forte e intervindo em todo o papel impresso. Em 1936, quando acabei «O Intervalo», encontrei-me perante este dilema: ou mandá-lo á censura, acto que eu considero vexatorio para um escritor e que, de resto, se tornaria inutil, porque o romance seria, sem duvida alguma, proibido; ou publicá-lo sem censura e vê-lo apreendido e o editor sofrendo as respectivas penalidades. Meti, por isso, o livro na gaveta, depois de dois anos e meio de trabalho.

—Qual era o assunto do livro?

—«O Intervalo» era o primeiro romance duma serie intitulada «Biografia do seculo XX» e pretendia ser, realmente, uma biografia romanceada, um «panneau» de todos os principais acontecimentos da Europa, uma espécie de epopeia das lutas, dos sofrimentos e das aspirações dos humildes desde o começo do nosso seculo até os nossos dias—até que eu morresse. Era o documento duma época, de sangue e dor, de esperanças e de desesperos, de desesperos e de esperanças, um documento feito de compreensão humana. Mas tive de desistir e vejo-me, hoje, com a saude abalada e não sei se com vida suficiente para recomeçar uma obra tão longa. Talvez que, o país, pelos meus fracos ou nenhuns méritos, nada haja perdido com isso; mas perdeu e está perdendo, com absoluta certeza, pelo facto de muitos outros escritores se encontrarem em identicas circunstancias.

—Que fez depois disso?

—Tentei, com a tortura a que já me referi, três outros romances. «A hipotese», «Classe unica», (romance dum navio) e um outro que não tinha, ainda, titulo. Desisti tambem de todos eles, porque, ao quarto, quinto capitulos, verificava que ia por caminhos proibidos... Em 1940, decidi escrever um romance que fosse publicavel sem ter de sofrer a censura. E escrevi «A Tempestade». E' uma dessas obras que se fazem quasi com raiva para a própria obra, por não ser aquela que desejamos fazer. «A Tempestade» dá bem uma ideia da influencia que a falta de liberdade de expressão exerce na literatura. Quem ler os meus outros romances mal me reconhecerá neste. Tudo quanto constitue a minha personalidade está, ali, forçado, ou melhor, está desfigurado.

A imposição duma ética

—Os escritores queixam-se, sobretudo, da ética que lhes é imposta...

—Exactamente. E' ingenuo um governo imaginar que, por decretos ou pela fôrça ou pela censura, consegue impor a sua mentalidade ao povo e aos seus homens de pensamento. E, contudo, muitos governantes têm cometido essa ingenuidade. Nestes ultimos anos temos lido, em Portugal, muitas vezes, a afirmação de que o Estado trabalhava para transformar a mentalidade nacional. Essas afirmações, feitas por alguns dos mais responsaveis elementos da situação, faziam-nos pensar que eles pouco conheciam da psicologia humana.

—E então?

—Então... a regra é, justamente, o contrario. A regra é o homem, sobretudo o homem novo, ser contra a mentalidade do governo dominante. Ao sair-se da adolescencia, discorda-se, quasi sempre, de quem nos domina, desde o ambiente familiar ao ambiente politico. E' geralmente nessa idade que se formam as nossas ideias. Uns andam para trás, outros para a frente, mas com a politica do governo ou com as ideias dos pais são poucos os que acertam o passo. E quando a ideologia governamental está na retaguarda de todas as outras, os novos marcham para a vanguarda. As excepções a esta regra são rarissimas e sempre por motivos mais profundos que a mentalidade dum sector. Não é de estranhar, portanto, que a actual situação criasse o grande entusiasmo oposicionista que vai pelo país. Senão houvesse muitas outras razões, haveria, pelo menos, essa. De resto, a maioria do país foi sempre contra a situação. Todos nós o sabiamos e parece que o governo tambem, pois, nos primeiros anos, os seus próprios adeptos duvidavam do seu amanhã imediato e eram mais tolerantes do que ultimamente foram.

Após uma pausa Ferreira de Castro recomeça:

—Mas voltemos á questão da ética. Aceite a ideia de converter o país á ética governamental, tentou-se enfileirar os escritores na mesma doutrina unica, através da censura e através de prémios, como se fosse possivel meter a literatura, que é, por sua natureza e para bem colectivo, um elemento inconformista, clarividente, um elemento de antecipação, num corpo de doutrinas decrepitas, postas, há muito, de parte nos outros países. Ora, essa ideia de pretender que uma arte, como a Literatura, que, na sua essencia, joga com valores de posteridade, seja apenas o reflexo dum regime, ao cabo e ao fim efémero, por muito que dure, dá-nos bem uma amostra do criterio a que tem estado submetida a inteligencia nacional.

A tendência da maioria dos intelectuais

—A tendência da maioria dos intelectuais é para a direita ou para a esquerda?

—Para a esquerda! E, duma maneira geral, foi sempre, em todos os tempos, para a esquerda, mesmo quando não se usava esta designação. Talvez não seja exagerado dizer que noventa e nove por cento dos grandes intelectuais foram sempre contra as injustiças do forte contra o fraco, contra os preconceitos absurdos, contra as idéias feitas. E' graças a êles que, em certos aspectos, a Humanidade tem avançado. No seu conjunto, a literatura tem sido sempre um grito de justiça através dos séculos. Esse sentimento de justiça aplica-se, conforme a época, a diferentes expressões sociais. No fim do século XVIII e no começo do XIX, por exemplo, os romanticos batiam-se pela idéia de que um plebeu e um aristocrata eram iguais, com a diferença de que, muitas vezes, aquêle era, pela inteligência, muito superior a êste. No século XX, nós, mais realistas, lutamos pela idéia de que um pobre tem os mesmos direitos á vida, ao confôrto da vida, aos prazeres da vida que tem um rico. E isto interessa á Humanidade inteira, incluindo os filhos daquêles que, hoje, nos combatem. Para êstes mesmo é preferivel uma sociedade em que tenham o seu lugar assegurado, do que a hipótese do legado da fortuna paterna, fortuna que tantas vezes se desfaz antes de chegar ás mãos dos herdeiros ou se pulveriza nas mãos dêstes, deixando-os na miséria como aos outros.

—O que pensa do estado psicológico do país?

—Penso que o país está cansado da actual situação. Os portugueses encontram-se, presentemente, numa guerra de argumentos—e um bom argumento é a coisa que mais se parece com a verdade, sem muitas vezes o ser. Mas uma coisa é certa, irrefutávelmente certa, por cima de todos os argumentos: a maioria do país está fatigada da actual situação.

—Fala-se em ingratidão...

—Tenho ouvido também dizer isso. Todos os governantes se queixam do mesmo. Como o acto de governar é, geralmente, um voluntariado—e que disputado voluntariado!—os governados entendem que não devem louvar os govêrnos pelo que êles fazem e sim criticá-los pelo que êles não fazem e que era seu dever fazer. No presente caso português ha outras razões. Talvez, para explicá-las, baste eu extrair algumas linhas duma crónica que, em 1935, enviei de Jerusalém ao jornal «A Noite», do Rio de Janeiro. Ei-las: «Para chegar até aqui (a Jerusalém), tive de percorrer algumas rodovias magnificas, que os inglêses construiram na Palestina. Contudo, os palestinianos não estão contentes com essas estradas: entendem que elas são excelentes e que eram muito precisas, mas pensam que tiveram um preço demasiado caro—o preço da sua liberdade. E os palestinianos crêem—têm-mo dito—que, mais cedo ou mais tarde, mesmo sem o mandato da Inglaterra, êles próprios viriam a construí-las—e por um preço infinitamente mais barato...».

Uma inversão de papeis

—Pensa, então, que...

—Eu gosto de falar sempre á inteligência e não ás paixões dos homens. E, assim, permito-me colocar perante os homens mais inteligentes da situação a hipótese duma inversão de papeis. Suponhamos que um partido, igual ao dêles, mas contrário a êles, se instala no poder durante 20 anos. E nessas duas decadas constroe estradas, portos, edificios escolares, mesmo hospitais, tão bons como os de Nova York. Mas, ao mesmo tempo, tira aos actuais situacionistas tôda a liberdade de exprimir a sua opinião e os persegue e os deporta e os deixa injuriar e cria, entre êles, durante 20 anos, um regime de mêdo. Ao cabo dêsse tempo, os actuais situacionistas poderiam falar, com gratidão, das obras que o partido adverso tivesse realizado? Que cada qual ausculte a sua consciência e responda a si próprio.

Ferreira de Castro conclue:

—O govêrno tem a fôrça do seu lado e pode continuar no poder. Mas, eu penso que a pior coisa que o govêrno pode fazer ás suas próprias idéias, até á sua história, que, pelo que leio, o preocupa, é continuar no poder. Depois dêste singular plebiscito, que se acaba de fazer no país, cada dia que o govêrno se demorar no poder «gastar-se-á» mais. O moral de muitos dos que o apoiam ir-se-á enfraquecendo e já deve estar mesmo enfraquecido, pois é humano, é inevitável que assim aconteça. Estimulado pelas críticas que se fizeram agora, o govêrno pode lançar-se na realização de grandes obras, mas, faça êle as obras que fizer, o país não deixará de se sentir cansado e verá sempre nessas realizações apenas a ansia do govêrno se manter no poder. Isto tem acontecido em várias épocas e em quási todos os países. Depois do que se está a passar, muitas das próprias pessoas que apoiam o govêrno ficarão, decerto, com a sensação de que detêm uma coisa que não lhes pertence legitimamente, dada a forma como se fazem as eleições. E, do lado oposto, a maioria do país ficará com a sensação de que lhe tiraram uma coisa que legitimamente lhe pertencia. Será êste o panorama do país. Não sou politico. Sou apenas um intelectual que deseja, que luta por uma Humanidade menos infeliz do que ela é. Mas confesso que não compreendo êsse patriotismo que não cessa de clamar, perante os povos livres do Mundo, que nós, portugueses, somos tão inferiores a êles, que só podemos viver como um rebanho de escravos.

O MOMENTO POLITICO

FALA COIMBRA

Toda a miséria traduz

uma impotência entre o homem e o meio

— diz o médico e escritor dr. Fernando Namora

Escritor e médico da ultima geração de Coimbra, o nome de Fernando Namora é mais conhecido pela primeira daquelas qualidades. «Relevos», «Mar de Sargaço», «Pena», «Sete partidas do mundo» e «Fôgo na noite escura» são titulos de uma obra que se assinala por uma directriz. A obra do médico, menos conhecida, mas orientada pelo mesmo pensamento do escritor, tem-se fixado atentamente sôbre problemas de assistência social. Eis as razões do tema sôbre que se orienta esta entrevista.

—A que atribue o relêvo que se tem dado á questão de assistência?

—Não causa, evidentemente, estranheza, que o problema médico-social português esteja hoje em foco. Razões domésticas obrigaram os responsáveis a enunciá-lo e as outras razões serão aquelas determinadas pela própria pressão dos tempos e dos factos. O que, afinal, poderia ter perturbado o desanimo e a descrença de muitos foi o facto de ter surgido muito boa gente a estudar êsse problema com ponderação, objectividade e vigor. Provou-se, por exemplo, que sempre valerá a pena chamar e ouvir os médicos, que também sabem ser técnicos dum problema que de tão perto lhes diz respeito, êsses médicos *rebeldes* que não se limitam a debruçar-se sentimentalmente sôbre a miséria que diàriamente acode á sua porta.

A ciência contra a miséria

—E que lhe parece das realizações já conseguidas?

—Tem-nos faltado um plano vertebrado; por isso mesmo, as tentativas frouxas ou ousadas de solução nada resolvem: deturpam ainda mais os meios e as finalidades do problema. A saude e o bem-estar dos individuos exigem uma acção convergente de vários factores; exigem uma maturação na receptividade dos beneficiados, na organização da sociedade, nas suas condições politicas, económicas, sociais e educativas. René Sand, no seu livro modelar sôbre serviço social, sugere para a politica da assistência a seguinte definição: ciência contra a miséria. Politica, medicina, higiéne, sociologia serão, com efeito, apenas extensos capitulos de uma unica acção: serviço social, serviço pela felicidade do homem. E' erroneo e infantil, pois, supor que as soluções poderão ser parciais. Os planos e progressos na assistência não podem traduzir-se por numero de leitos, enfermarias, creches, etc.; êsse é um progresso fácil: pertence quási á fatal evolução material; é, por assim dizer, superior á vontade ou á iniciativa dos govêrnos, como a quantidade de telefonias ou automóveis. Assim como será ridiculo estabelecer confrontos estatisticos entre o que se fez há vinte anos e o que se faz ou se propõe hoje realizar: ninguém se lembra de diminuir um Afonso Henriques por não ter decretado um plano Beveridge. O que pode sujeitar-se á inteligência e ousadia de um govêrno, que tem a rodeá-lo a realidade quási mundial de realizações sérias nêsse sentido, será o englobamento dessa evolução numérica numa organização técnica, em que se comece por se estudar as realidades e os agudos e urgentissimos interesses daquêles para quem os programas são particularmente dirigidos. E' aí que está sobretudo a autoridade do médico; êsse, quando observa um doente, observa, ao mesmo tempo, pela fôrça persistente das circunstancias as razões que ditaram e alimentarão a sua miséria fisica. Se é um pastor, sabe que o enfermo é um trabalhador que recebe um salário mensal de dez escudos, juntamente com dez litros de feijão e oitenta litros de centeio—com que terá de manter uma familia constituida por vezes de dez pessoas! E isto é tão importante para o prognóstico como tôdas as outras razões patológicas.

A definição de serviço social

—No seu entender, qual a ocientação que se deve seguir? Qual a definição do problema?

—Serviço social é, na verdade, a ciência que analisa e combate a miséria. «Todos os dias e em todos os lugares, desde que há homens, a miséria faz a sua obra». Assim começa René Sand o seu já citado livro. A miséria do homem, que tem tido a dôr como sua unica condição de vida, como sua tolerada condição de vida. Não podemos mais dissociar á acção dos higiénistas, dos médicos, dos sociólogos. Na primeira conferência internacional de serviço social, acolhendo tôdas as tendências, enunciou-se a assistência como o conjunto de esforços visando: a assistir aos sofrimentos provenientes da miséria (assistência paleativa); garantir aos individuos condições normais de assistência (assistência curativa); prevenir os flagelos sociais (assistência preventiva); melhorar as condições sociais e elevar o nivel de existência (assistência construtiva). Por êste programa-base poderemos fácilmente controlar as insuficiências e inutilidade de tôda a acção assistencial já realizada, apesar de, já em 1931, num estudo sôbre os serviços sociais em todos os países do mundo, se ter referido Portugal como país com assistência obrigatória contra a doença, invalidez e velhice.

—Portanto, a acção do médico deve manifestar-se...

—Em alguns inquéritos sociais que tive ensejo de realizar, meditei por vezes nêsse desejado e necessário enquadramento das histórias que se me ofereciam com as premissas atrás apontadas. Na verdade, em todos os serviços sociais há que diagnosticar as causas da miséria e estudar particularmente todos os casos que poderão escapar á politica de uma organização global. Mesmo a acção paleativa tem evoluido hoje nas suas armas de combate. O médico reconhece cada vez mais o seu campo alargado; importa prescrutar aquilo que está para além do campo profissional rígido. Quanto mais os anos passam, mais o médico reconhece a impotência da sua restrita acção e quanto o seu saber, a sua experiência e a sua cultura humana se harmonizaram num elo que êle imperceptivelmente já nunca mais poderia desfazer—mesmo que o desejasse. Já dizia Marañon que o médico desempenha uma minima parte no combate pelo bem estar fisico dos pobres. Ele poderá prevenir, por exemplo, a infecção; mas nunca poderá dar ao pobre o alimento indispensável para robustecer as suas defesas organicas. Higiéne no camponês, que vale, por exemplo, cinquanto se confundir frugalidade com miséria?

O homem e o meio

—Como é então encarada a posição do assistido?

—De um modo geral, verifiquei que as familias pobres registadas nos meus inquéritos eram consideradas não merecedoras da caridade; exigia-se delas, ainda mesmo que a protecção do rico não fôsse mais do que a irrisória compensação de um trabalho arduo, humildade ou servidão. E eram ainda consideradas como negligentes e viciadas. Para a prevenção da miséria—base de uma assistência digna—isto é mais importante do que parece. Com efeito, tôda a miséria traduz uma impotência entre o homem e o meio. O pobre é debil, incapaz de corpo e espirito. E cada vez mais debil e incapaz—venham os paleativos que vierem; êsses paleativos poderão talvez ainda sustentar mais essa impotência. As privações, a doença, a inutil reacção perante o ambiente, que tolera êsse estado de coisas apagam-nos progressivamente e criam-lhes aquela frouxidão definitiva dos vencidos. E' o que em linguagem técnica se chama *incapacidade organica*. E' um êrro (ou um atentado!) supôr que tudo isto se modifica com socorros de inverno, esmolas, refeitórios. Isto só poderá alimentar essa deserção perante a vida. A familia continua a crescer nêsse ambiente de incapacidade, habitua-se á esmola fácil, á dissimulação, á protecção condicionada individual ou colectiva. Eis a *incapacidade familiar*. A doença é um pormenor, que não interessa isoladamente resolver. Instabilidade de salários, carência de preparação profissional, ausência de garantias sociais, de estimulos. Evidentemente que a ausência ou insuficiência de serviços sanitários e médicos poderá conduzir a um descalabro total: á invalidez, á debilidade, á morte—mas o quadro geral é muito mais vasto.

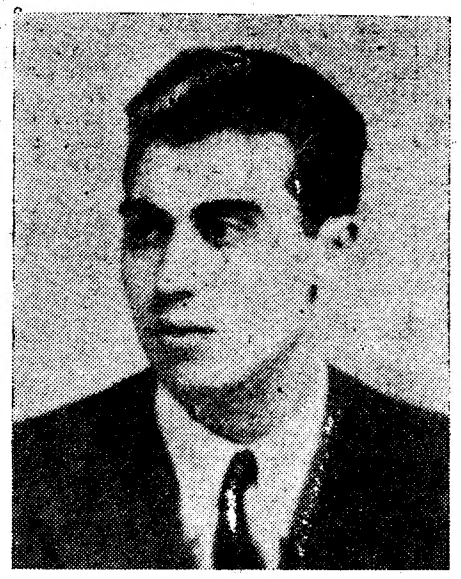
O homem da terra

—Casos concretos?

—Notemos, por exemplo, êste panorama humano da região onde sou médico. Dos cinco mil habitantes, repartidos numa área extensa, quatro mil e novecentos, pelo menos, estão agrupados em familias de camponeses. A terra, porém, não lhes pertence: pertence a meia duzia de proprietários, que por vezes vivem longe, que abandonam a terra e os seus cultivadores á rapacidade e rudeza de feitores; dessas familias, poderemos registar quarenta que terão um pedaço de terra seu. A maioria vive, portanto, do salário eventual nas propriedades dos donos das terras e do lucro mesquinho e incerto de arrendamentos. Esse salário é de 9$00 diários e nunca o camponês consegue, a média de 90 dias de trabalho por ano! Suponho que 80 % dêsses habitantes serão impaludados e anémicos, além de padecerem de descalsificações e avitaminoses flóridas ou francas. Dai a êsses trabalhadores da terra, lactários, creches, médicos e farmácia, esplendidos hospitais concelhios e podeis crer que muito pouco lhes foi dado e que nada se remediou. A sua decadência moral e fisica prosseguirá. Não há médico nem farmácia que substitua aquêle minimo de necessidades alimentares, culturais e sociais que lhes pertence. Não há remédio que lhes possa impedir a miséria organica de refeições constituidas por um caldo de feijão, assim distribuido: o feijão para o chefe de familia, o caldo para a mulher, filhos e os velhos da casa. Tudo o que lhes oferecestes não foi uma assistência real.

—Tem havido, portanto, justificação para que tanto se fale da insuficiência dos serviços sociais?

—Todos lemos discursos diários por êsses jornais; mas é preciso continuar a falar nisso e dizer que êste quadro se mantém sem o mais leve sinal de tentativa definitiva de solução. Estou tentado a dizer: estude-se e ampare-se o homem, e não o doente. O homem só começa a ser previdente, frugal, construtivo, um colaborador de si mesmo e da sua saude, quando a sua economia atinge um nivel satisfatório. Por isso, o serviço social toma em conta primordial as influências económicas e morais, e destas a mais importante será a reeducação da vontade. A decadência fisica e moral, que advem da falta de recursos, impossibilita o homem da previdência e da iniciativa que o poderiam libertar ainda. Encorajar o homem perante a vida, fornecendo-lhe educação, segurança material, tratamento médico, apoiando-o na doença, na invalidez, na infelicidade, eis uma verdadeira assistência. Uma assistência democrática, digna e dignificante e não uma assistência de fachadas e estatisticas.



DR. FERNANDO NAMORA

O antigo ministro

dr. Santos Silva

fala das origens e evolução

do movimento de 28 de Maio

Antigo presidente do ministerio portuguêse, ministro da Instrução Publica em 1926, o sr. dr. Eduardo Santos Silva é um dos «antigos» que desde a primeira hora não hesitaram em prestar o seu concurso ao movimento de «novos» revelado pela oposição que se encorporou no Movimento de Unidade Democrática. Tem participado, no Pôrto, em quási tôdas as reuniões promovidas por aquele agrupamento de idéias. Foi á saida de uma dessas reuniões que dêle colhemos as seguintes opiniões:

—O 28 de Maio, que foi considerado pelos seus organizadores uma «arrancada», revelou a existência dum estado de confusão mental colectiva. A confusão mental individual é, em regra, doença aguda e passageira, sem gravidade ou, antes, um sintoma consequente doutros males. A confusão mental colectiva, apesar da sua longa evolução, parece ser, também, afinal de benigno prognóstico, se atentarmos no que se tem passado, em Portugal, nos ultimos tempos.

E precisando o seu pensamento:

—Que a «arrancada» foi um episódio confusional mostra-se no facto de ela só ter sido possível por os monarquicos e os reaccionários, que por detrá sda cortina a manobraram, se terem unido a republicanos, que ingénuamente ficaram á frente deles nos primeiros tempos. A curto prazo, porém, os republicanos que nela tomaram parte começaram a encher as cadeias e até um ou outro raro monárquico lá foi parar também.

—Monárquicos?...

—Sim. E assistiu-se, então, ao facto inédito de se encontrarem presos, na mesma ocasião, por motivos políticos, pessoas das mais dispares ideologias. Os republicanos não viam a Republica; os monárquicos convictos, em vez de um rei, viam reisetes.

A inauguração duma «Sala do Assalto a Portugal», no Centro Académico da Democracia Cristã de Coimbra

Depois duma pausa, o sr. dr. Santos Silva continuou:

—Os republicanos entraram em acto de contrição, de forma que, á volta da «arrancada», ficaram só os elementos da reacção política, económica e clerical. Como todos êsses elementos se entendem sempre á maravilha e como sabem que são uma minoria, para se sustentarem tomaram posições estratégicas—vá o termo—da governação publica e não hesitaram no tipo de violência a usar ou no sofisma a propagandear. Aparentemente fôram medrando. Foi até por essa ocasião que o Centro Académico da Democracia Cristã de Coimbra, embandeirando em arco, inaugurou em sessão solene a por êle chamada «Sala do Assalto a Portugal», tendo nela descerrado a placa onde estão inscritos os nomes dos mestres «assaltantes», que nas suas entranhas geraram a ditadura. E temos de confessar que os moços festeiros fôram duma rude franqueza!

—A sala ficou a ter essa estranha designação?!

—Isso foi referido no próprio boletim da colectividade, que não tenho aqui comigo, evidentemente, mas que é fácil de verificar.

—«Assalto»!...

—Assim mesmo. Ao «assalto» sucedeu a ocupação, e a confusão colectiva continuou evoluindo, o país desorientado, aturdido, marchando ao acaso, mas procurando já buscar rumo para voltar de novo á vida.

—Mas essa confusão mental, a que alude, seria curável...

—A confusão mental tinha atacado já outros povos, neles revestindo forma grave, pois passara a demência. A reacção instalara-se neles estrepitosamente para, ao fim, trágicamente os perder. E' êsse o perigo da confusão mental: transformar-se em demência, tornar-se crónica.

—Esse perigo não corre em Portugal...

—Não. Portugal nêsse momento despertara para a realidade e viu que á «arrancada» era preciso que sucedesse a derrocada e ao «assalto» a libertação. Os democratas do Centro Almirante Reis vieram, então, na hora própria, pôr com clareza o problema, e o povo português, que tinha escapado á doença e para poupar energias tinha fingido de morto, num levantamento cívico avassalador, pôs-se de pé, proclamou a sua marcha para a cura e quere continuá-la firmemente em busca de melhores destinos. Esta parece ter sido a evolução do quadro sintomático que apresentou o mal colectivo que afligiu o país nos ultimos vinte anos.

«Os democratas portugueses querem resolver á boa paz o nosso grave problema político»

Quisemos ouvir do sr. dr. Santos Silva qual o seu parecer clínico sôbre a «marcha para a cura» e ouvimos-lhe:

—Esta marcha para a cura será um crime entravá-la. As condições em que ela pode realizar-se têm sido brilhantemente traçadas pelos melhores espíritos das novas gerações. Estabeleçam-se as liberdades cívicas fundamentais: de Imprensa, de reunião, de manifestação—que são a base para a conquista da liberdade de sufrágio e sem as quais não existe Democracia, pois elas são a sua essência e tudo o mais é acessório, secundário e delas dependente.

—São essas as reclamações imediatas dos democratas portugueses...

—Os democratas portugueses querem resolver á boa paz o nosso grave problema político. Numa proposta cheia de generosidade, pois ficavam em manifesta situação de inferioridade, os democratas portugueses disseram ao Govêrno quais as pequenas exigências que queriam ver satisfeitas para concorrer com dignidade ao próximo acto eleitoral. A resposta foi dada, de começo, duma forma um tanto ou quanto evasiva, para, em seguida, revestir o aspecto duma total recusa.

—Nessas condições...

—Irão, portanto, ás urnas sómente os partidários do Govêrno cozinhando um parlamento á sua feição, com cabeças do mesmo molde, procurando ámanhã sofismar uma pretensa oposição, dizendo que nem todos os nomeados couberam dentro daquela fôrma. Mas, como o País atingiu já a maioridade, e como no mundo, que se rasga diante dos nossos olhos, haverá, pelo menos, mais verdade, vai acontecer que o conflito persistirá ou se agravará e a grande massa do país continuará a considerar-se exilada na própria terra natal. E' êste o estado da alma colectiva dum povo que, para tranquilidade de todos, é urgente não perdure.

ECOS

O livro de Vieira de Almeida, «A' Janela de Tormes», introduz uma maneira nova de ver Eça de Queiroz. E' um livro de rica substancia em que o espirito do autor se mostra sob dois aspectos, ambos admiraveis—interpretação e meditação.

Não se resigna á critica que disseca, porque a ultrapassa, acrescentando-a e enriquecendo-a com as perspectivas que lhe rasga.

Estamos certo de que «A' Janela de Tormes» ficará exemplo duma obra em que Eça aparece como alguem que «reviveu» duplamente—na herança que nos legou e no preito que lhe consagra Vieira de Almeida.

■

Recebemos dois numeros do «Journal de Genéve», com data do mês de outubro. Sempre o mesmo—sereno, claro e firme na sua orientação. Como o tempo passa a galope e os jornais ficam para trás o numero de hoje suprime o de ontem.

Qual a maneira de lhes imprimir duração e continuidade?

Conservar-se fiel á doutrina que sempre serviu.

Para se tornar monotono e deslusido?

Para renovar, no estudo dos acontecimentos, as ideias e os principios, as atitudes e os gestos. E' assim que o «Journal de Genéve», que não viamos há bastante tempo, mantem a sua juventude, na forma e na essencia.

■

Um velho amigo, numa carta que nos manda da sua aldeia onde repousa por um mês, no regaço da natureza e á vista das paisagens, diz-nos:

—Venho falar-te dum assunto curioso—as obras incompletas ou mesmo sonhadas de que somos autores. Por qualquer motivo ou por muitos motivos, nós imaginamos mais do que realizamos. Começamos e não acabamos. Suspendemos o nosso labor e divagamos sobre ele. O próprio Aquiles, o da «Iliada», misturava as realidades da guerra com as ficções da sua imaginação fogosa. Perdia horas e horas a ruminar...

Haverá um dia possibilidade de nós escaparmos a tal dispersão?

No nosso entender, o homem ha-de ser sempre um desperdiçador das suas riquezas criadoras. O prazer de concluir, de atingir o termo da obra que traz entre mãos, não o seduz inteiramente. A insatisfação embaraça-o, prende-o, obrigando-o a fumar e a reflectir. A' beira duma obra prima, formam-se escrupulos. Não será melhor guardar para mais tarde a ultima demão?...

Goethe só publicou o «Segundo Fausto», depois dos sessenta. Mas por preguiça, por inacção meditativa ou por temor do insucesso, os escritores e artistas vacilam e arrefecem na sua fé.

■

Entre os amigos que nos visitaram nas ultimas semanas, conta-se Gualdino Gomes que atingiu a fase da serenidade, da meditação e da limpida bondade.

A' força de viver, a sua experiencia revestiu-se de ternura, de fraterna, simpatia. Os novos acham nele o antigo tempo e as suas preciosas lições, os velhos, com a víz ligeiramente enrouquecida, cumprimentam-no, dizendo:

—«Milagre da nossa idade, és o nosso irmão mais novo».

Mas Gualdino Gomes não se desvanece, limitando-se a responder-lhes:

—«Os anos correm velozes e nós só temos um metodo para lhes fugir—correr mais depressa do que eles, na direcção dos ideais da nossa juventude».

ROSICLER ?

As suspeitas

contra uma empresa

com caracter comercial

de ter colaborado

com os japoneses em Timor

Sôbre incidentes ocorridos durante a ocupação japonesa de Timor e as actividades de uma emprêsa comercial, ali estabelecida, recebemos uma carta cuja publicação nos é pedida. Refere-se a carta a afirmações contidas numa entrevista que publicámos recentemente com pessoa chegada daquela ilha. Não queremos contestar ás pessoas visadas o direito de se defenderem, mas queremos acrescentar desde já que fomos bastante cautelosos nas afirmações que reproduzimos, e que conservamos em nosso poder alguns elementos da informação—que chegaram ao nosso poder, por outra via, depois de publicada a entrevista referida. Segue-se a carta, com data de 31 de outubro:

«*Sr. director:*—No vosso jornal de 8 do corrente, foi publicada uma entrevista com uma pessoa—que quis esconder-se sob o anonimato—na qual se fazem afirmações graves contra a «Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Ld.ª» e, consequentemente, contra a dignidade patriótica dos respectivos sócios portugueses, afirmações essas que, pela sua falsidade, não podem deixar de ser, enérgicamente, repudiadas.

Trata-se da parte em que o anónimo entrevistado declara, falsamente, o seguinte: —A ocupação... Lá estava, em Timor, uma importante rede económica montada que oferecia sérias razões de suspeita: era a Companhia Agrícola Pátria e Trabalho, com nítida influência japonesa, uma certa rêde de informações a que poderiamos, mesmo, atribuir uma importancia de 5.ª coluna...».

Como se trata de afirmações gravemente ofensivas da dignidade patriótica dos sócios portugueses, sentem-se êstes no direito de, em sua legítima defesa, vir pedir a V. a publicação, no seu jornal, das razões concretas que a seguir expõem e que, por si, demonstram e provam, por forma incontestável, a dignidade patriótica com que êles agiram, ao admitirem, como consócia, a entidade japonesa: Nanyo Kohatsu Kabushiki Kaisha.

Essas razões são as seguintes:

1.ª—Durante muito tempo, procurou-se auxilio financeiro que permitisse, á Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Ld.ª, o conveniente desenvolvimento da exploração agrícola das suas propriedades em Timor.

2.ª—Nunca foi, porém, possível obter o auxilio necessário porque, ou êle era tão pequeno que não preenchia o fim visado, ou era quantitativamente suficiente, mas as condições da sua prestação eram por tal forma onerosas, que a sociedade ficava no sério risco de ver perdidos os seus bens, em fatais execuções.

3.ª—Durante anos, procurou-se, baldadamente, junto de emprêsas holandesas, australianas e inglêsas de Singapura, qualquer auxílio. Na colónia, não havia quaisquer organismos com funções de financiamento.

4.ª—Sem qualquer auxílio financeiro eficaz, a sociedade estiolava-se em prejuizos sucessivos, apesar das suas grandes possibilidades, estiolamento êsse que se repercutia, necessàriamente, na economia da colónia e no bem estar dos seus indigenas.

5.ª—Só depois de frustrados todos êsses esforços é que a sociedade admitiu, como sócia, a Nanyo.

Mas, em que condições a admitiu?

a) Impondo a maioria portuguesa de capital;

b) Impondo a maioria portuguesa na gerência;

c) Impondo que as quotas dos sócios portugueses *só a portugueses* pudessem ser cedidas.

Estas condições—que, aliás, a Nanyo aceitou

(Continua na 15.ª pag.)

Camioneta que se precipita

numa ribanceira

Em Ferral, perto da Póvio de Santa Iria, uma camioneta pertencente á Sociedade de Transportes de Beja, Lda., carregada com barris de vinho, vazios, devido á lama existente numa curva da estrada, derrapou, derrubando uma parte da balaustrada e precipitando-se numa ribanceira, donde foi tirada, depois de desmontada. O condutor, Julio António Amorim, nada sofreu, ficando o seu ajudante com a cabeça partida.

Para encerramento do período

de propaganda eleitoral

o sr. ministro do Interior

fala hoje na Emissora

O acto eleitoral realiza-se ámanhã em todo o país, iniciando-se ás 9 horas os trabalhos em tôdas as assembleias e secções de voto, instaladas em Lisboa nos seguintes locais:

1.º BAIRRO—*Anjos:* 1.ª secção, Escola n.º 27, rua dos Anjos, 14; 2.ª e 3.ª, Cozinha Económica, avenida Almirante Reis, 47; 4.ª e 5.ª, Junta dos Anjos, rua dos Anjos, 49, 1.º *Beato:* Escola 20, calçada de D. Gastão, 8, 1.º. *Escolas Gerais:* edificio de S. Vicente, Junta de freguesia. *Castelo:* largo da Cruz do Castelo, 15. *Graça:* sede da Junta, calçada de Santo André, 45 ,1.º *Monte Pedral:* 1.ª secção, sede da Junta, rua Rui Barbosa, 4; 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª, Escola 69, rua dos Sapadores, 151 *Olivais:* 1.ª secção rua Conselheiro Ferreira do Amaral 2 (sede da Junta). 2.ª secção, Escola 53, rua do Vale Formoso de Baixo, 27. *Santiago:* largo dos Loios, 4, 1.º. *Santo Estêvão:* rua dos Remédios, 139, 1.º dir.º. *S. Cristóvão e S. Lourenço:* Escola 10, Costa do Castelo, 27. *S. Miguel:* largo da Cantina Escolar, 10 *Sé* e *S. João da Praça:* rua de S. João da Praça, 90, 1.º, dir.º. *Socorro:* rua da Mouraria, edificio do Amparo, sede da Junta.

2.º BAIRRO—*Arroios:* 1.ª secção, sede da Junta, rua Carlos José Barreiros; 2.ª, Escola 25, largo de Arroios; 3.ª, Escola 14, largo do Leão; 4.ª e 5.ª, Clube Estefania, rua de D. Estefania; 6.ª, 7.ª e 8.ª, no Instituto Nacional de Estatistica. *S. José:* 1.ª secção, na sede da junta de freguesia, rua Alves Correia, 187, 1.º; 2.ª, na Escola 29, rua Alves Correia, 191, 1.º. *Conceição Nova:* átrio da Camara Municipal. *Encarnação:* rua da Barroca, 72, 1.º. *Madalena:* Escola 44, rua da Madalena, 141, 1.º. *Mártires:* átrio da Biblioteca Publica. *Pena:* átrio da Faculdade de Medicina, Campo dos Mártires da Pátria. *Penha de França:* Salão da Escola Primária da Junta, rua Morais Soares, 32. *Restauradores:* átrio do Teatro Nacional. *Sacramento:* Escola Veiga Beirão, largo do Carmo, 32. *S. Julião:* átrio da Camara Municipal. *S. Nicolau:* rua dos Douradores, 57, 1.º.

3.º BAIRRO—*Ameixoeira:* Junta de freguesia *Benfica:* Junta de freguesia. *Camões:* Escola Municipal, rua de Santa Marta, 204. *Campo Grande:* Junta de freguesia. *Carnide:* Escola Oficial. *Charneca:* Junta de freguesia. *Lumiar:* Junta de freguesia. *Marquês de Pombal:* Junta de freguesia. *Mercês:* na Academia das Ciências. *Santa Catarina:* no Liceu Passos Manuel. *S. Mamede:* na Faculdade de Ciências. *S. Sebastião da Pedreira:* Sete secções no edificio do Liceu Camões.

4.º BAIRRO—*Ajuda:* 4 secções, na Escola 19, rua Nova do Calhariz. *Alcantara:* 1.ª secção, Escola Marquês de Pombal, rua dos Lusíadas; 2.ª e 3.ª secções, Escola 56, rua 1.º de Maio; 4.ª secção, Escola 86, travessa do Calvário. *Belém:* 2 secções, Escolas 107 e 108, Bairro das Terras do Forno. *Lapa:* rua da Lapa, 84, 1.º (Escola da Sociedade das Casas de Asilo da Infancia Desvalida). *Santa Isabel:* 4 secções, Escola Machado de Castro; 4 secções, Liceu de Pedro Nunes. *Santos-o-Velho:* 1.ª e 2.ª secções, Quartel dos Bombeiros, av. Presidente Wilson; 3.ª e 4.ª secções, Escola Fonseca Benevides.

A alocução do ministro do Interior

Como encerramento do periodo da campanhia eleitoral, o sr. ministro do Interior fará uma alocução, ás 21 e 30, pelo microfone da Emissora Nacional.

Só houve 17 mortos

no desastre ferroviário que ocorreu em Espanha

MADRID, 17 — Foi publicado esta noite um desmentido oficial á noticia de terem morrido 150 pessoas, na quinta-feira, no acidente ferroviário que se deu entre Gergal e Fuentesanta, na provincia de Almeria. O comunicado oficial diz que houve apenas 17 mortos e 39 feridos, mais ou menos graves, e confirma que o acidente foi devido a um descuido dum funcionário do caminho de ferro que, quando percebeu que o desastre se ia dar, abandonou o seu posto e desapareceu. —(Reuter).

Chnrchill em Bruxelas

LONDRES, 17 — O principe Carlos, regente da Bélgica, deu na noite passada um banquete em honra de Churchill. Estiveram presentes o major-general George Erskine, chefe da missão militar britanica na Bélgica, e o marechal do Ar, sir Arthur Coningham, comandante-chefe da 2.ª fôrça táctica aérea.—(R.).

As juntas de freguesia

cumprimentam o Chefe do Govêrno

A' hora a que fechamos a nossa edição, os representantes das juntas de freguesia de Lisboa vão ser recebidos pelo sr. Presidente do Ministério, a quem farão leitura de uma mensagem de saudação, em nome dos organismos que representam.

A reforma da assistência

Os srs. ministro do Interior e subsecretário da Assistência Social receberam do conselho geral da Ordem dos Médicos o seguinte telegrama: «O concelho geral da Ordem dos Médicos, tendo tomado conhecimento da iniciativa do Govêrno, promulgando o decreto que reforma a assistência social e reorganizará a assistência hospitalar, congratula-se com o facto, cumprimenta V. Ex.ª e faz os mais sinceros votos para a eficacia das medidas anunciadas». O telegrama é assinado pelo bastonário da Ordem, sr. prof. dr. Freitas Simões.

As eleições na Horta

O candidato independente pelo distrito da Horta ás eleições de deputados, sr. dr. Leonel de Melo Furtado, em carta dirigida aos seus eleitores, informa-os das razões que o levaram a desistir da sua candidatura pelo distrito açoreano da Horta.

E' hoje posto à venda n
A TRAIÇÃO
Livro de R
ROLÃO PRETO ACUSA !
ALTURA
Primeiro caderno «Sextante» e
marca a sua posição
ORIGEM DA LING
de DUARTE N
4.ª edição com estudo e notas de Jos
CÓDIGO SOCIA
do CARDE
Tradição de J. S. Silva Dias. Livro q
jar encontrar solução para o problem
NA PRÓXIMA SEMANA
NA AGONIA D
Análise crua dos totalitarismos e d
cada por FERNANDO DE AGUIA
HISTÓRIA L
Um livro indispensável a quem qu
por GARCIA DOMINGUES
A PSICOLO
de LEONEL FRANCA
O RA
de TEJAD
Livro indispensável a quantos queira
manha quis a guerra
São livros d
PEDIDOS Á RUA DA A

DAVID D'ARAUJO

Participa ao publico em geral e especialmente aos seus clientes que se constituiu uma nova organização comercial da qual faz parte, e cuja sede é na sua antiga casa, Rua do Ouro, 280, 2.º, e que por esse motivo todos os assuntos referentes á Alfaiataria e seus negócios particulares são tratados, provisoriamente, na Rua da Conceição, 60, 3.º, telefone 22510.

A antena de Castanheira derrubada pelo furacão

EM CASTANHEIRA DO RIBATEJO

100 metros da antena

do Centro Emissor Nacional

fôram derrubados e destruidos

devido ao tufão de ontem

Afinal, o maior prejuizo causado pelo tufão de ontem de manhã foi sofrido pela Emissora Nacional, visto ter sido derrubada a maior parte da antena do Centro Emissor Regional, em Castanheira do Ribatejo, que ficou práticamente inutilizada, podendo apenas ser aproveitada provisóriamente, para certas emissões, e devendo a parte que escapou ser desmontada e aplicada noutra qualquer instalação sem a importancia e as funções daquela.

Como se sabe, aquela estação emitia em ondas médias, na frequência de 629 quilóciclos por segundo; e, devido ao desastre, passou a transmissão a ser feita pela de Barcarena, na frequência de 722 quilóciclos.

Ontem mesmo, estiveram ali, para observar os estragos e tomar providências, os srs. engenheiros Cunha de Eça, chefe da repartição dos Emissores, e Lopes Duarte, tendo sido enviado ao respectivo director, sr. engenheiro Manuel Bivar, que se encontra nos Estados Unidos, um telegrama, no sentido de ser encomendada uma nova antena para Castanheira do Ribatejo.

Técnicos e operários da casa Dargent estiveram tambem examinando os destroços, que pesam algumas toneladas e que terão de ser desmontados e transportados em camionetas.

O caso passou-se assim: na estação encontravam-se, deitados, o sr. José Anjos Pereira, operador e encarregado do Centro, e dois mecanicos, quando, ás cinco horas da manhã de ontem, ao vento ciclónico se juntavam os trovões e os relampagos que constituiam um espectáculo grandioso e terrivel. O sr. Anjos Pereira chegou mesmo á janela para o contemplar. Eram cinco e um quarto. A antena ainda estava inteira, pois divisavam-se perfeitamente as luzes instaladas nos varandins metálicos colocados a diversas alturas, para indicação aos aviões. Voltou a deitar-se e, de repente, ouviu um estrondo enorme. Julgou tratar-se dum trovão, apesar de ter estranhado não lhe ver o respectivo relampago. Continuou deitado, embora sem conseguir conciliar o sono; e só perto das 8 horas, quando se tratava de fazer ir «para o ar» a emissora é que se verificou que 100 metros da sua parte superior se encontravam estendidos e espatifados no campo, e que uns 10 metros, com um varandim na ponta, faziam um V invertido com a parte que escapou. Tôdas as espias que ligavam os dois grupos dos três maciços de fixação foram arrancadas dêstes e constituem um emmaranhado metálico. Por tôda a parte se vêem destroços de vidros, de isoladores de loiça e até de aço, pois, apesar de o cano da antena ter cêrca de 1 centimetro de espessura, partiu-se em muitos pontos, como se fôra duma matéria frágil.

Uma parte grande dos sectores que caíram formou tambem um V e enterrou-se no sólo.

Durante o dia, foram muitos os curiosos que estiveram na Castanheira do Ribatejo a examinar os estragos, que são da importancia de muitas centenas de contos.

...s Livrarias

...BURGUESA
...LÃO PRÊTO
PREÇO 20$00

SOLAR
...n que **ALBERTO MONSARAZ**
PREÇO 5$00

...UA PORTUGUESA
...NES DE LEÃO
...Pedro Machado PREÇO 30$00

...L DE MALINES
...L MERCIER
...ortuno e indispensável a quem dese-
... social contemporaneo **Preço 25$00**

... DESPOTISMO
...s motivos da sua catastrófica derro-
PREÇO 20$00

...USO ÁRABE
...ra conhecer a história de Portugal
PREÇO 25$00

...GIA DA FÉ
PREÇO 30$00

...CISMO
...SPINOLA
...n conhecer as razões por que a Ale-
PREÇO 15$00

... PRO DOMO
...LAIA, 18, 1.º — LISBOA

Três vapores em perigo

na doca de Leixões

LEIXÕES, 17—(Pelo telefone).—A forte ventania que continua a varrer toda a costa portuguesa pôs em perigo várias embarcações e levou toa a gente do mar a precaver-se contra o temporal.

O paquete «Mouzinho», quando entrava na doca de Leixões, descaiu, arrastado pelo vento e pela fôrça das águas, sôbre o vapor «Lugela» e sôbre um outro cargueiro inglês que ali se encontravam, do que resultou ficarem os três navios com algumas chapas amolgadas, mas sem qualquer rombo ou outras avarias de importancia. Notou-se, mais uma vez, a falta de rebocadores, especialmente de barcos com potência suficiente para intervirem, com eficácia, em emergências desta natureza. Não se deram desastres pessoais e os três navios podem, assim, manter as suas datas de saída.

O «Mouzinho», que vem a Leixões deixar um importante carregamento de milho colonial pôde, depois de uma manobra dificil e, por vezes arriscada, atracar á muralha e começar a descarga daquele produto.

Presidência da Republica

O sr. ministro das Colónias visitou esta tarde o sr. Presidente da Republica, a quem apresentou cumprimentos e relatou a sua viagem ás provincias ultramarinas.

Pro-Laz Lda

Dará a V. Exa. total encantamento...

Duas obras

de assistência

inauguradas

esta tarde

na calçada da Ajuda

Com a presença do sr. subsecretario de Estado da Assistencia, do sr. governador civil, provedor da Misericordia de Lisboa, inspector da Assistencia etc., foram inauguradas, esta tarde, no n.º 223 da calçada da Ajuda, uma créche e uma casa de rapazes, por iniciativa da respectiva junta de freguesia. Os convidados foram recebidos na velha residencia do Marquês de Pombal, sede da junta, pelos membros da mesma e da União Nacional.

Na sessão solene usaram da palavra os srs. Manuel Vieira, tesoureiro da Junta; coronel Migueis, presidente da União Nacional na freguesia; e António Gaspar, em nome dos pobres da Ajuda. A créche, que receberá 25 crianças, a quem ministrará cuidados e alimentação, dos dois aos seis anos, vai funcionar das 7 ás 19 horas, no velho palacio do Conde de Obidos.

No final da sessão solene, as entidades oficiais visitaram a sede do Lar dos Pobresinhos e o Abrigo n.º 9 da Cidade dos Rapazes, instalado no rés-do-chão da junta de freguesia e que comportará dez protegidos. Então, o sr. subsecretario da Assistencia elogiou, com palavras justas, as obras inauguradas, para a instalação dos quais contribuiram o comercio da freguesia e o Governo Civil, Tanto á entrada como á saida o sr. subsecretario da Assistencia foi vitoriado pelas crianças das escolas .

As tropas chinesas

entraram na Manchuria

CHUNG-KING, 17—As tropas governamentais chinesas avançam ao longo da Grande muralha da China e levam de vencida na sua frente as fôrças comunistas chinesas, que nas ultimas horas sofreram grande numero de mortos e feridos. Os soldados de Chang-Kai-Chek penetraram já na Manchuria e continuam a avançar sôbre a capital Mukden.—(U. P.).

Duas províncias libertadas

CHUNG-KING, 17—O Quartel General Comunista chinês em Yennan anunciou esta noite a libertação de Jehol e Charlar, provincias do sudoeste da Manchuria, pelas fôrças comunistas.—(R.).

A ofensiva progride

CHUNG-KING, 17—As ultimas notícias recebidas esta manhã aqui, indicam que a ofensiva desencadeada pelas tropas de Chang-Kai-Chek contra os comunistas na Manchuria está a progredir satisfatóriamente e que consideráveis efectivos militares governamentais chineses continuam a penetrar na Manchuria.—(U. P.).

Seguiram para o seu país

o antigo ministro e mais 16 funcionários da legação da Alemanha

Esta manhã partiram do aerodromo da Portela de Sacavem para a Alemanha o ultimo ministro alemão em Lisboa sr. Von Halen e e 16 funcionários da antiga representação oficial alemã em Lisboa, a saber: Helmuth Korff, Wilhelm Krauss, Oskar Newman, Wilhelm Hosfuss, Alfred Funke, Hans Schawender, Bertold Raithel, Joseph Allran, Wilhelm Bider, Gustav Adolf Reidel, Ernst Levi, Heins Falke, Frederich Gustav Saul, Helmuth Dietmar, Adolf Zelhagen e August Sindke.

Na estação aérea compareceram, a assistir á partida, além de várias pessoas de nacionalidade alemã, que continuam em Lisboa, os seguintes funcionários da representação diplomática das Nações Unidas: tenente-coronel, Cone, adido americano; conselheiro Crocker; Renduelles, adido de imprensa, americano; e tenente-coronel Wellington, adido aeronautico britanico.

O avião, um «Dakota» da Air Transport Comand, levantou vôo ás 10 e 30, com destino a Estugarda.

EM 3 LINHAS

A industria de bordados da Madeira está sofrendo prejuízos nos Estados Unidos pela fixação de preços de compra neste país, incomportáveis para o mercado de origem.

///

Completou 26 anos o «Grupo Pró-Evora», ao qual tanto se dedicou o dr. Celestino David e agora se dedica o dr. António Gromicho.

///

O ultimo censo (1940) diz-nos que na cidade de Lisboa havia 73.868 crianças dos 7 aos 13 anos, das quais 18.955 não sabiam ler. E', ainda assim, uma percentagem desoladora.

///

As grandes obras de nova construção e transformações que estão sendo levadas a efeito no palácio Foz não atingem a escadaria e salões nobres, que serão apenas objecto de restauro.

///

As próximas carreiras normais de avião entre Lisboa e Pôrto serão duas em cada dia, de manhã e de tarde, e em cada aeródromo da Portela e de Pedras Rubras.

///

O trajo, hoje estabelecido, para os professores da Universidade Técnica, obrigatório em todos os actos solenes, é a toga de lã preta, e a «epitoga» (ou pequena manta) em pele de coelho ou de arminho, variando as côres conforme os institutos.

///

A Policia de Segurança de Lisboa vai adquirir, em concurso, para fardamentos, 5.000 metros de cotim «Egito» e outros tantos de pano azul ferrete.

///

Foi estabelecido o salário mínimo para os operários de alfaiataria no distrito do Pôrto, quer os que trabalham em oficina, quer em casa.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÁS 6 HORAS T. M. G. DE HOJE—Mantém-se a vasta zona depressionária localizada entre os Açores e a Peninsula com vários centros dispersos. Temperaturas: Londres, 4º; Paris, 3º; Lisboa, (Monsanto), 14º.

FENÓMENOS OBSERVADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS—Chuva em vários pontos da Europa Central e Ocidental. Trovoadas e aguaceiros em vários pontos da região norte do nosso país, e aguaceiros nos Açodes.

EVOLUÇÃO PREVISTA—A vasta zona depressionária entre os Açores e a Peninsula continuará a influenciar o tempo no nosso país, Por consequência .

TEMPO PROVÁVEL AMANHÃ EM PORTUGAL—Vento SW, geralmente muito fresco e por vezes forte junto á costa. Em seguida NW fresco com rajada. Aguaceiros e algumas trovoadas. Pequena descida de temperatura.

(Informação do Serviço Meteorologico do Exercito).

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: *máxima, 19º,6; minima, 13º,4.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 20º,2; minima, 8º,4.*

A Lei garante os trabalhadores contra os Acidentes de Trabalho. O seguro na

ULTRAMARINA

garante os patrões contra as responsabilidades que a Lei lhes impõe.

Sede em Lisboa: Rua da Prata, 108—Telef. 23348/9 Estado 205

Sou o mestre Tira-teimas. Dizem que tenho fósforo.
Vou explicar-lhes muitas coisas. Até amanhã!

APP
FC

A'S SENHORAS:

Quereis vestir bem por pouco dinheiro?
Na antiga e acreditada casa de

M.me BETTENCOURT

encontram V. Ex.as a maior, mais linda e recente colecção de vestidos, casacos de peles e de fazenda, raposas, chapeus, etc., em todos os géneros e para todos os preços.

R. Nova da Trindade, 26, 1.º andar
Telef. n.º 5 5316

N. B.—Prestando-se a confusão haver no mesmo prédio mais portas com o n.º 26, não confunda: é no **26, 1.º, porta de escada** com o nome e escudo de **M.me BETTENCOURT.**

Pensão Belga

Primorosas instalações em Palacete proprio—R. Actor Tasso, 11, Tel. 40529—de luxo, com todo o conforto moderno, agua corrente quente e fria em todos os quartos, aquecimento central, sala de visitas e cozinha francesa.

Ambiente e serviço de bom hotel, a preços resumidos.

UM BOM TAPETE E' UM CAPITAL QUE DURA TODA A VIDA
COMPRE UM BOM TAPETE NA

Manufactura de Tapetes de Lisboa

LARGO DA MISERICORDIA, 18/19
Restauro de carpetes de tôdas as proveniências

Arrematação

Palácio

No dia 30 do corrente, por 14 h., na 1.ª secção do 6.º Tribunal (Boa Hora), será vendido pelo maior preço oferecido o Palácio denominado «Quinta do Calado», sito no Caminho de Baixo da Penha, 60 a 64, tornejando para a rua Morais Soares, composto de andar nobre com pavimento terreo, 1.º andar e aguas-furtadas, todo forrado de azulejo e com as divisões decoradas, tendo anexo capela, garage, grande jardim murado e outras dependências. Esclarecimentos na R. da Conceição, 145, 1.º, E.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

TELEFONE 2 6519

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerc., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouv.—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.as operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Rais X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinicas

SELOS -- ALBUNS

Foi posta á venda a 7.ª edição do nosso
CATALOGO DE PORTUGAL E COLONIAS
360 páginas no formato 13.1/2x10 15$00
Pelo correio, á cobrança: 16$50
PORTUGAL CONTINENTAL
86 páginae: 7$50
Pelo correio, á cobrança: 8$50
Peça gratis o «Filatelista»
O n.º 65 aparece em breve

ELADIO DE SANTOS
Rua Bernardo Lima, 27
LISBOA
TELEFONE, 4 9725

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*.

O MOMENTO POLITICO

Há grémios dignos de crítica

mas muitos dêles não têm qualquer culpa

até porque as suas fnnções são limitadas

— diz-nos o velho republicano Abel Sebroza

A's vezes uma palavra, transformada em cartaz, leva a generalização e a injustiças. E' êste o caso dos Grémios—como se vai ver.

O nosso entrevistado de hoje—o sr. Abel Sebroza—é uma pessoa insuspeita. Republicano da velha guarda, foi dos que lutaram contra o outro «abstencionismo», em tempos de Elias Garcia; companheiro de todos os chefes da propaganda: Afonso Costa, António José de Almeida, Brito Camacho; eleito vereador por Lisboa, nas primeiras eleições da Republica, em 1911, desempenhou tal mandato até 1916, com o curto intervalo da didatura do general Pimenta de Castro; foi da ultima direcção da União dos Interesses Económicos, director da Associação dos Droguistas do Sul e, até ao fim do ano passado, do Grémio dos Armazenistas de Drogaria, que lhe sucedeu. Fez jornalismo, até na nossa sede actual, com Ricardo Covões, no «Povo». E' uma pessoa simpática e popular. Como vereador, coube-lhe o pelouro dos incêndios. E, com o comandante Parente, foi de parecer que o Eden-Teatro, quando da sua primeira fase, não reunia as condições de segurança necessárias. Daniel Rodrigues, então governador civil, para ser agradável ao empresário Luiz Galhardo, fez pressão para que a necessária autorização fôsse dada; o dr. Afonso Costa, presidente do Ministério, foi, ostensivamente, ao espectáculo da inauguração; e o vereador chefe de bombeiros, conscientes das suas responsabilidades, mantiveram toda a noite, sob pressão, á porta daquela casa de espectáculos, duas bombas—para o que desse e houvesse...

ABEL SEBROZA

—Comerciante há 48 anos e há 30 chefe de uma organização comercial importante (antes da guerra)—disse-nos hoje o sr. Abel Sebroza—julgo-me obrigado a emitir também a minha opinião sôbre este momentoso assunto que tanto prende nêste momento as atenções do comércio em geral. E, tanto mais obrigado me julgo ao cumprimento de um dever, quanto eu, na minha classe, sinto o pêso das minhas responsabilidades, visto que há uns bons 15 anos fiz ressurgir do marasmo em que vivia uma cinquentenária associação de classe, restituindo-lhe o seu antigo prestigio, a qual dirigi durante anos em fraternal camaradagem dos grandes e dos pequenos comerciantes do ramo. Posta em execução a nova organica corporativa e na previsão duma, aliás, injustificada dissolução, julguei meu dever, para beneficio da classe e para que ela continuasse agrupada fraternalmente, ao abrigo do decreto que fácilitará a criação dos Grémios de organizações facultativa e com a coadjuvação de dedicados componentes da classe, promover a transformação da Associação em grémio. Os estatutos fôram elaborados com o valioso concurso e o aturado estudo de uma das poucas pessoas que nessa altura conhecia algo da organica corporativa e que hoje ocupa um destacado lugar na nossa governação. Eis, portanto, explicada a razão por que eu, sou o sócio n.º 1 dêsse Grémio de organização facultativa e que, feito para agrupar amigávelmente os grandes e pequenos comerciantes da nossa classe, viu modificada a sua ideia inicial, por não se querer reconhecer a possibilidade de armazenistas e retalhistas continuarem vivendo em boa e leal camaradagem. Julgava eu, e outros componentes, que a nova organização teria como função principal defender os interesses de uma numerosa e importante classe, e, em honesta colaboração com o Estado, concorrer na medida do possivel, para o bem estar dos nossos mais próximos colaboradores, e, na situação de emergencia que se enunciava, colaborar com o Govêrno, em beneficio do país. E, como, na mesma ocasião, iam sendo organizados os sindicatos das classes trabalhadoras, para defenderem os seus legítimos direitos, julgámos igualmente que a classe patronal seria considerada no mesmo pé de igualdade, para o efeito de defesa de iguais e justificadas regalias.

—E o que aconteceu, na realidade?

—Infelizmente, porém, os Grémios de organização facultativa não foram considerados devidamente como colaboradores, e sôbre êles têm sempre a superioridade de vários e complicados organismos corporativos que, quasi todos dirigidos por personalidades desconhecedoras do meio em que têm de agir, impuzeram ao comércio as mais duras e cruentas provas, transformando a organização comercial numa máquina tão complicada que aqueles que têm conseguido resistir á sua pressão devem certamente ser espíritos fortes e bem formados, sem o que, há muito, teriam de estar submetidos a rigoroso tratamento em institutos de alienados.

Pormenores interessantes:

—O comerciante foi, pois, despido em absoluto da sua personalidade, obrigado a desvendar os segredos da técnica comercial, a ensinar quem eram os seus fornecedores, os mercados em que se abasteciam e a quem deveria vender os seus artigos, quando não era o próprio organismo que o obrigava a entregá-los a quem lhe fôsse determinado. Ao mêsmo tempo, tabelaram-se os mais variados produtos com percentagens de lucro tais que, em muitos casos, nunca poderiam cobrir os gastos gerais de qualquer comerciante! Se alguem rejubilou e beneficiou de tão grande confusão, não foi o comerciante de carreira, isto é, aquele que durante longos anos vem mourejando dia a dia, um trabalho que ennobrece quem o pratica, mas sim aqueles que se aproveitaram do momento para numa só transacção conseguirem obter uma compensação que muitos, em dezenas de anos de ardua luta, nunca puderam prever. Mas não só o comerciante retalhista e grossista foi singularmente prejudicado, como ainda, tem sido a vítima expiatória da situação criada, visto que a grande massa da população, confundidos os pequenos Grémios de comércio criados por iniciativa própria, com os grandes organismos corporativos e os Grémios criados obrigatóriamente, por conveniencias imperiosas do grave momento que se atravessou, responsabiliza injustamente os Grémios que não tem praticamente função alguma e o comerciante que, com poucas excepções, continua vegetando, vendo dia a dia duplicarem-se e triplicarem-se os seus encargos pessoais e comerciais, alienada em absoluto a sua liberdade de acção e, reduzindo ao minimo a sua expansão comercial e os beneficios dela derivantes.

O nosso entrevistado disse-nos ainda:

—Eis a situação bem clara do momento difícil que atravessa a classe comercial, nas suas grandes e pequenas organizações, e que faz prever, infelizmente, um triste futuro sem benefício algum para a Nação e para o próprio Estado que, não poderá obter grandes receitas dum comércio decadente.

E, a terminar, acentuando bem a sua ideia dominante:

—Há Grémios dignos de crítica, mas muitos dêles não têm qualquer culpa até porque as suas funções são limitadas.

BRINQUEDOS PARA O NATAL

CONTOS INFANTIS — PACIÊNCIAS — PUZZLES

Zoo (1) A Menina do chapelinho Encarnado—O Menino Amarelo—A Abobora Menina—Bicharada—Anões Brincalhões—Estojos de Costura, etc. Apresentado pela Fábrico de Brinquedos de Oeiras.

A' Venda em todos os Bazares

Agenccia em Lisboa, Rua Fanqueiros, 96, 1.º, Dt.º

PASTELARIA CAFÉ SALÃO DE CHÁ MINERVA

SERVIÇO DE LANCHES E BANQUETES

Av. Almirante Reis, 142, B. TELEFONE 52248

"E' preciso ensinar

as gerações mais recentes

e pôr de parte a fôrça do arbitrio»

— diz-nos um terceiranista de medicina

Já aqui registámos a opinião da academia de Coimbra, através do depoimento de um dos seus mais representativos componentes. Tambem de determinadas noticias vindas a publico recentemente se depreende que o momento politico tem igualmente repercussão nos circulos academicos da capital. Tivemos ocasião de conversar sobre o assunto com o terceiranista de medicina sr. António Pinto Teixeira, aluno distintissimo, que goza de verdadeiro prestigio na escola que frequenta.

—Tem a Academia de Lisboa manifestado interesse pelo acto eleitoral?—começamos por preguntar.

—Evidentemente. Embora os trabalhos escolares nos absorvam quasi todo o tempo, embora o regime universitario não facilite a vida da academia como comunidade, todos os rapazes que pensam e amam o seu país não podem eximir-se á emoção do momento que passa.

«E deixem-me dizer: ao alvoroçado orgulho com que vemos alguns dos mestres mais queridos, como na minha Faculdade, os professores drs. Henrique de Vilhena, Soeiro, Fernando da Fonseca, Pulido Valente, autenticas glorias da ciência medico-portuguesa, formarem orajosamente entre os primeiros combatentes da democracia, junta-se a alegria de poder observar que os democratas portugueses, estão dando neste momento de perturbação universal um alto exemplo de disciplinado civismo.

—Quanto ás eleições?...

—Não creio nas eleições livres. O Govêrno sabe que as perderia. Mas a vitoria da democracia está certa. O que nos preocupa é o futuro dessa democracia, com as ultimas gerações educadas no culto da violencia e do ódio.

E acrescenta, com vivacidade:

—Este ponto de vista é mais que interessante, é fundamental. No livro de Organização Politica, por onde estudei, da autoria do professor dr. Joaquim Ferreira atribue-se ao Chefe do Govêrno Português este conceito (pag. 415): «O Liberalismo politico do seculo XIX criou-nos o cidadão, individuo desmembrado da familia». E a paginas 417, o livro adoptado oficiamente revela e exalta: «E' isto que a Europa está a próvar ao Mundo inteiro, por intermedio dos países fascistas: Portugal, a Italia, a Austria e a Alemanha».

E' o futuro que interroga.

—Hitler, Dolfuss, Mussolini... Onde vão eles? Que fizeram das suas patrias? Quanto tempo passou depois que estudei estas lições? Para que me quiseram ensinar isto, envenenar com estas mentiras? O que seria feito de mim, se me não tivessem salvo o ambiente familiar, e o corajoso ensinamento de alguns mestres que com o risco do pão dos seus filhos resistiram a lançar no meu espirito a treva, o ódio, o culto da violencia?

E prossegue:

—Já não é o presente que preocupa? Isto cabou, de facto. Morreu. Matou-o a mais bela manifestação de civismo da Historia de Portugal. Matou-o o corajoso protesto dos nossos mestres mais queridos. Matou-o essa avalanche de homens sequiosos de liberdade que de todos os recantos do país vêm dar a sua solidariedade aos dirigentes legitimos do pensamento português.

«Eu sinto que «isto» morreu. Senti-o no dia 10 de outubro, quando a leitura dos jornais espalhou na cidade—na rua, na escola, na oficina, nos lares—um sol de alegria e de esperança que nunca tinha visto. A cidade ria feliz ao primeiro anuncio da liberdade.

—Não é então o presente que lhe interessa?

—Não, não é o presente que preocupa. A minha geração porém, e outras antes da minha foram educadas no culto da violencia e do arbitrio. Criámo-nos nesse ambiente de delacção e prisões arbitrarias. Entre nós, rapazes de hoje, nunca houve espirito de solidariedade. Nas escolas separava-nos e emmudecia-nos a descocnfiança, no exemplo dos colegas encarcerados, o próprio regime escolar que proibia de nos reunir e nos incitava á acusação.

«A fôrça, a brutalidade, a obediencia cega, o espirito da Alemanha prussiana, da Alemanha de Hitler, debaixo de forma, a bater os calcanhares até vencer o cerebro pelo traumatismo, nesses indescritiveis exercicios da Mocidade Portuguesa, que começam quando se aprendem as primeiras letras...

O sr. Pinto Teixeira continua:

—Foi assim que nós fomos criados e educados. E' um estigma que pesa sobre estas gerações. Os piores disfarçaram, fingiram, acusaram; os desamparados amoldaram-se, habituaram o braço á saudação estendida e nos exames de organização politica e de Filosofia substituiram quaisquer conhecimentos das ciências, por vivas ao «Estado Novo» e á Religião de Roma, vvios insultos a seus pais, os da geração liberal. E assim, foram, nesta moral, preparando o caminho que os podia fazer ministros aos vinte e tantos...

Outra afirmação:

—A muitos salvou-nos, repito, o ambiente familiar. Muito pequeno ainda, vi meu pai encarcerado e minha mãe á morte por causa dessa prisão arbitraria. Mas logo meu pai me ensinou que o pior crime é a violencia e o arbitrio. Que a humanidade sofreu tanto para criar as garantias individuais que nem um ódio legitimo desculpa a perseguição e a violencia.

«A muitos salvou-nos o respeito e estima por muitos mestres, os mais competentes e mais justos. Mas outros—e são tantos—e esses serão porventura os mais infelizes, geraram nos seus espiritos um complexo de revolta e de descrença, de ansia de força e de dominio, que os pode arrastar á prática da violencia para a realização de ideais que lhes parecem o esfôrço supremo da civilização.

Declara-nos, em seguida, o sr. Pinto Teixeira que há uma obra de reeducação a fazer nas gerações mais recentes:

—E' preciso ensinar-lhes a pôr de parte a força do arbitrio. Mostrar-lhes que 20 anos de força e de violencia não deixa como herança senão roina, divisão e ódio. Que nada conseguiram conquistar nem fixar, nem mesmo nos piores, porque esses adorarão apenas o mais forte e emquanto este tiver força.

A terminar, diz:

—Não são palavras dum politico nem eu penso fazer vida na Politica. São palavras dum rapaz que quere dedicar a sua vida á ciência. E porque penso que tanto o aconchego familiar como o ambiente cientifico perderiam a harmonia e a Paz necessarios para o progresso da Humanidade e da ciência, persistindo em ir contra a vontade da Nação, eu advogo os principios que evitariam a convulsão politica que daí adviria.

Um esclarecimento

O nosso colaborador A. da Rocha Peixoto pede-nos a publicação da seguinte carta:

«Sr. dr. Joaquim Manso, meu prezado amigo.—Embora leitor constante há 25 anos, do *Diario de Lisboa*, que por vezes muito penhorantemente tem acolhido artigos meus, dando-lhes até imerecidos lugares de destaque, não reparei, no dia 14 do corrente, numa carta que o seu tão conceituado jornal publicava, e assinada «A. Rocha Peixoto». Várias pessoas das minhas relações e amigos meus, que muito estimo, chamaram, porém, para ela a minha atenção, convencidos de que eu era o signatário da mesma.

Vejo-me assim forçado a levar ao conhecimento de v. e dos leitores do *Diario de Lisboa*, que isso não é exacto. Não sou eu o autor da carta, mas sim um parente meu, e só hoje a li.

Julgando desnecessárias quaisquer palavras mais, apenas desejo acrescentar o seguinte: Ainda que bem modesto, o meu nome—A. da Rocha Peixoto—com que tenho subscrito, há algumas dezenas de anos, artigos meus, em vários jornais portugueses, tem chegado para acarretar só sobre mim a nitida responsabilidade do que escrevo, sem causar equivocos.

Agradecendo muito a publicação destas linhas, sou com toda a consideração e estima de v., etc.—*A. da Rocha Peixoto*».

Artes decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
LOJA-CAVE-1.º ANDAR

PARA OS HOMENS

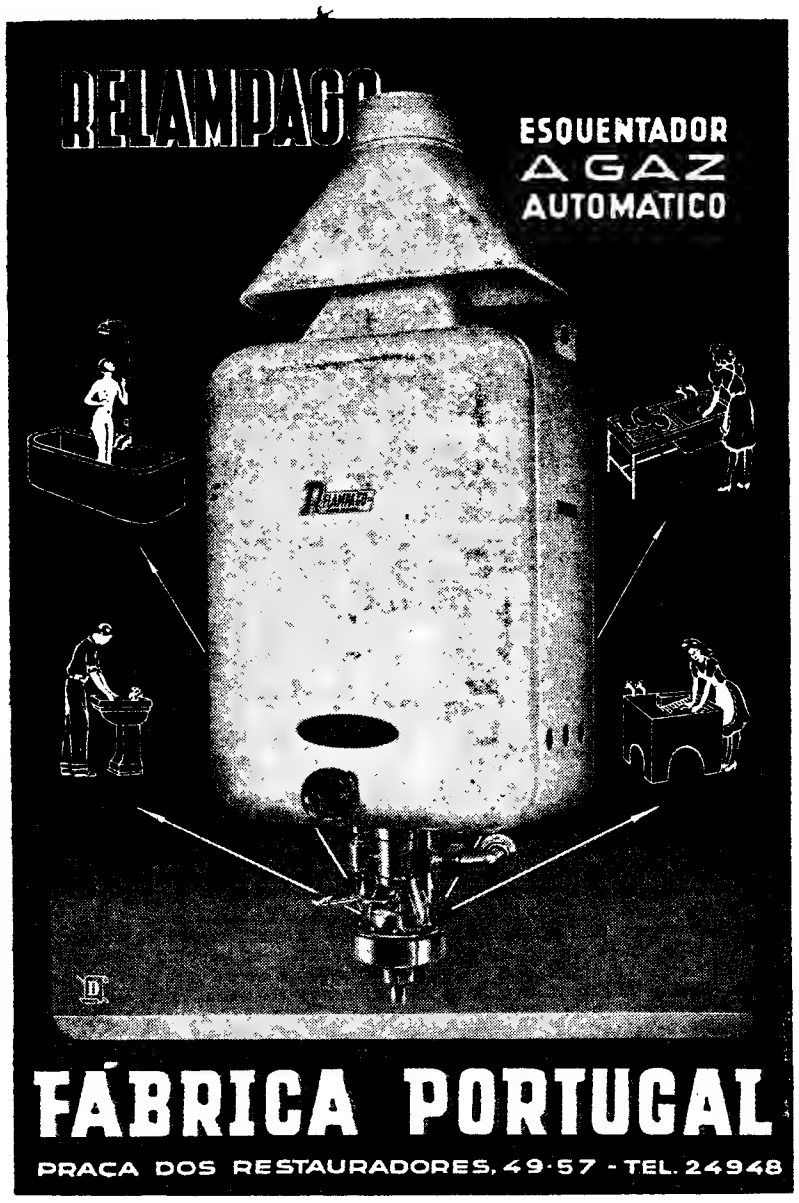
Costuma-se dizer que é **para homens** tudo o que não trate de futilidades. Triste pensamento o que se faz das mulheres! Não há duvida que os homens preferem o romance ARISTOCRATAS de Maria Archer, mas não gostará de o ler, minha senhora?

PELES

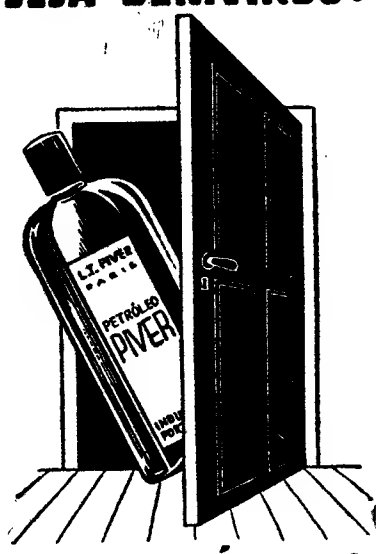
As mais recentes novidades para 1946 apresenta o

ATELIER PARISIENSE

CALÇADA DO DUQUE, 35, 1.º



SEJA BEMVINDO!



PETRÓLEO
PIVER

Petróleo Piver:—incontestàvelmente o melhor tónico capilar até hoje conhecido.
Experimentá-lo é exigi-lo sempre!
O Petróleo Piver, com ou sem gordura, vende-se em:

Garrafas de meio litro a ... ... 55$00
Frascos a ... ... 20$00

L.T. PIVER

PARA A SAÚDE E LIMPEZA DA SUA PÉLE
UTILISE
TODAS AS NOITES
Theatrical
LAVANDER CLEANSING CREAM
KATHERINE HOWARD
que constitue o créme de "démaquillage" mais perfeito e económico.

É usado pelas melhores artistas de cinema e teatro de todo o mundo, pois além de desembaraçar a péle de tôdas as obstruções da poeira, pós de arroz e rouges, torna-a suave e macia como o melhor créme de noite.

BOIÃO GIGANTE 39$00
NAS MELHORES PERFUMARIAS DO PAÍS

AGENTES EM PORTUGAL:
J. C. GUIMARÃES & C.ª, L.DA
RUA DO ALMADA, 91
PORTO

HAVAS

MONTE ESTORIL
RICO
LEILÃO
— DE —
MOBILIARIO, ESTOFOS E ADORNOS

PRATAS, T. S. F. móvel, cortinados, carpetes Beiriz, cómodas c/embutidos, porcelanas orientais, lustres cristal (género Veneza) Casquinhas

Amanhã, domingo, às 14 e 21, na Avenida Saboia (Vila Gomes)
será vendido pelas maiores ofertas todo o rico recheio, como:

Ricas mobilias de quarto, modernas, em contraplacado, de casal e pessoa; optima mobilia sala de jantar em nogueira com cristais, 16 peças, cadeiras com couros gravados; escritório moderno, pulido, em nogueira; bonitos jogos de maples em veludo de sêda, pele e optimas tapeçarias, belas carpettes Beiriz de diversas dimensões em estado impecavel; lustres de cristal, bibelots, comodas e papeleiras com embutidos em pau santo; mobilias dispersas, mesas e moveis placados, bengaleiro de couros e pregaria; tamboretes orientais em tamarino, com encrustações em madre pérola; gravuras coloridas; faqueiro em prata cinzelada com estojo; serviços de almoço; salvas, tabuleiro e diversos; candeeiros em ferro forjado e taças; mesas de chá; serviços jantar 12 pessoas; ditos de chá, café e vidros; candelabros e pratos cobertos em casquinha; espelho Renascença ;maples dispersos, mesas, roupeiros, bataria de esmalte e aluminio, louças diversas, bicicleta criança e uma infinidade de lotes que a falta de espaço nêste jornal não permite publicar.

AGENCIA DE LEILÕES ERNESTO BENTO JUNIOR
Av. Duque de Loulé, 60 — Tel. 49361, 44414
Pregoeiro A. PINTASSILGO

REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

E TRANSFORMAÇÕES DE MOTORES, ALTERNADORES, TRANSFORMADORES, DINAMOS E ELEVADORES

Montagem de rêdes de fôrça motriz e luz

ORÇAMENTOS GRATIS
Preços vantajosos
Trabalho garantido

Faça como os entendidos: exija
PORTO ANDRESEN
Depósito em Lisboa
R. Alexandre Braga, 4-C — Telef. 45511

LEIRIA
«AVIZ-Café Restaurante»
Almoços, jantares e serviço à lista
Marcam-se quartos. Telefone 203

O MOMENTO POLITICO

As declarações do dr. Francisco Veloso

(Continuação da 4.ª pág.)

mula que, por má sina, vem exprimindo há mais de trinta anos a insatisfação do povo português. O que hoje sucede, é apenas uma *poussée* em repetição...

—Mas como entra nesta reacção o Movimento de Unidade Democratica?

—Um dos homens de maior valor e de mais lucida mentalidade que conheço no meu país, dizia há pouco com justeza, referindo-se á reunião do Centro Almirante Reis, que neste momento, é preciso saber distinguir entre a *moção* e a *entoção*. A primeira será dentro em pouco um documento, notavel e bem deduzido, a recordar. A segunda fica como realidade e já não poderá ser estancada por meios de compressão e de repressão, embora a violencia, como o alcool, exija de cada vez mais violencias, porque não tem em si mesma outra razão de ser.

A reintegração na constitucionalidade

—A solução?

—Imediatamente, parece-me que seria a de cumprir sem reservas mentais nem desvios, as disposições da actual Constituição da Republica na sua letra e no seu espirito, para que o poder legislativo seja o que lá se diz que é —embora ulteriormente se viesse a proceder a uma revisão desse estatuto. Com uma representação nacional livremente eleita, desapareceria o partido unico. Há uma diferença evidente entre *votações* e *eleições*, entre descarregar uma lista e eleger, escolher. O que se reclama, como não pode deixar de ser, é que a Nação escolha e portanto eleja.

Uma objecção e um exemplo

—Nega-se no entanto a possibilidade de possuirmos um regime representativo em sufragio livre...

—Sim, é mais um argumento que de há muito nos envergonha. O sr. Samuel Hoare, agora frequentemente citado, é que, imaginando-nos votados á escravatura, descobriu, quando passeava por cá, que nem o povo português nem o povo espanhol são dignos e capazes de possuir um regime de representação legislativa em base de sufragio livre e popular, e, ainda embaixador em Madrid, foi dize-lo num discurso que proferiu no seu país para justificar a sua politica peninsular e as suas conhecidas simpatias, que já se assinalavam ao tempo da famosa «questão das sanções». Mas nós em tal materia continuamos a não precisar de conselhos e muito especialmente das simpatias do sr. Hoare, hoje felizmente remetido ás aposentações do pariato. A historia de Portugal está cheia de tradições nobilissimas que provam o contrario de que o sr. Hoare desejaria para nós, mas que pelo visto, o povo inglês não quis para si. De resto, é velha a regra do «Deus para mim o diabo para os outros». Tambem a guerra iá acabou e a economia nacional continua sujeita ao bloqueio britanico.

Há, porém, mesmo exemplo na Europa de que o rumo da historia virou e de que a era totalitaria está encerrada.

—Qual?

—Veja o da escolha que o povo francês acaba de fazer nas recentes eleições gerais em referendo plenamente livre, á voz do seu admiravel chefe, o general De Gaulle—ainda e sempre o exemplo imortal da França—exemplo muito mais vivo e expressivo do que o das eleições britanicas porque é verdadeiro sinal roteiro da evolução em que já caminhamos e uma prefiguração dos novos horizontes da transformação que sai das convulsões da guerra. A França traçou—sobre o programa da Resistencia que é uma verdadeira Carta de Direitos e conviria ter entre nós agora uma paridade—a linha bissetriz entre o regime totalitario ou totalizante de Vichy e o velho regime da Terceira Republica que, a despeito de brilhante, degenerou no desastre. Esse eleição em sistema moralismo e educativo de proporcionalidade orienta o Mundo e orienta-nos a nós.

E a findar, preguntamos:

—Acredita no adiamentos do acto eleitoral?

—Francamente lhe digo que já desisti de acreditar. E no entanto considero o não adiamento como um erro muito grave. Não é preciso ser adivinho para ter por certo que a comoção publica que se me afigura já ultrapassando as finalidades imediatas do Movimento, mas que encontra um ambiente propicio de desgosto geral que atingiu as classes responsaveis e a esfera de muitos dos nossos melhores valores na inteligencia, no ensino e na técnica—tenderá a aumentar e a vir rebater, em curvas de sismógrafo, da periferia das provincias para os centros politicos e economicos do país.

E como a tentativa de se inscrirem na lista unica da União Nacional nomes de republicanos—que aliás só poderiam funcionar como oposição do tipo *His Magesty's*—não tinha nem teve a menor viabilidade; e como a tentativa do Movimento de Unidade Democratica para um sufragio sério e livre parece repelida—a nossa historia politica, economica e social continuará a descrever-se, de *gachis* em *gachis* politicos (pois já noutro estamos) na linha de escalas das oportunidades que se perderam, por falta de visão inteligente e de coragem e sobretudo, por falta de bom senso...

Aurora

(Continuação da 1.ª pag)

boa vontade não pensaram, desta vês, em remeter-se a um comodo silencio. Sobrepuseram-se a considerações egoistas e exprimiram francamente o que reservavam há vinte anos.

Quem os acusará de perturbadores do sossego publico?

E' acaso mais meritorio dormir sob um pesadelo que velar, quando a aurora rompe?

Repetimos, para que se não esqueça: a democracia, no novo passo da sua evolução, não é segredo que se abafe, como a Republica não é fragil muro que se derrube. Estas duas afirmações são objectivas e não constituem vagos desvarios de sonambulo Nas paginas do «Diario de Lisboa», demos guarida a quantos depoimentos nos pareceram dignos de impressionar a opinião publica. Não nos fechamos num dogma nem emperrámos num rancor.

Não encerra a nossa desassomada conduta um cartaz de democracia em acção?

Quão desembaraçado de movimentos é o jornalismo, quando, irritadamente, defende uma doutrina ou uma ideologia, esquecendo-se de que não mantem a necessaria compostura! Se as ideias têm uma nobreza, os homens devem traduzi-las nobremente tambem. Embrulhar os argumentos em injurias parece-nos espectaculo de encruzilhada...

Revelará culpa do nosso feitio ser escrupuloso na pratica com o adversario?

Corresponde a qualquer excesso de bilis negra a guerra com armas pouco leais?

Seja como seja, quedaremos, até que a nossa pena possa escrever, fieis a mandamentos que foram os de tantos que estimamos como mestres. Chegámos a uma idade em que as cousas respeitaveis se não prestam a dois sentidos nem a dois cultos. Se não apetecemos a evidencia dum fogo de artificio que se queima numa praça para regalo do arraial. tambem não nos agrada que nos tomem por um esquecido que busca na solidão paciencia para sofrer. Nada disso: emquanto nos fôr permitido, batalharemos confiadamente pelas justas e belas causas que tão gratas são ao nosso orgulho.

Sendo a Patria mãe comum de todos os seus filhos, nunca—entenda-se bem!—atearemos paixões que venham a concorrer para desunir o que o coração apertou. Em todos os desacordos e divergencias, entre portugueses, cuidaremos de traçar a linha da tolerancia e de sustentar a primasia da palavra sobre a insana ameaça.

Um esclarecimento

Sr. director:—Na nota publicada em 15 do corrente, a propósito duma carta do sr. tenente António Metelo, disse-se que o sr. dr. Pedro Amaral Polónio se encontra actualmente em Londres como bolseiro do Instituto de Alta Cultura.

Trata-se de um lapso que convém rectificar: o referido clinico está efectivamente em Londres, em missão de estudo, mas a expensas do «British Council», para o que foi indicado pelo Instituto de Alta Cultura.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o director geral de Assistência,—*Guilherme Possolo.*

Saudações ao «Diário de Lisboa»

As comissões do concelho de Serpa e da freguesia do Lumiar do Movimento de Unidade Democratica enviaram saudações ao «Diario de Lisboa» pela forma como temos tratado dos assuntos que se relacionam com o momento politico.

Uma carta dos dirigentes da Liga dos antigos graduados da M. P.

«*Sr. director:*—Na entrevista concedida a esse jornal, em 15 do corrente, pelo antigo professor dr. Barbosa de Magalhães, como réplica ás declarações do sr. Presidente do Conselho, entre várias afirmações, a que não nos cabe responder, há uma que entendemos merece o nosso reparo.

E' a seguinte: «Portugal depende de Salazar —é a sua fórmula e a dos seus satélites e servidores. E é por isso que os rapazes da Mocidade Portuguesa trazem no cinto não a letra P, designando Portugal, mas a letra S, designando Salazar, da mesma forma que na Alemanha se dizia—Heil Hitler! (viva Hitler) e não Heil Deutschland e que na Italia a saudação oficial era ao Duce em ão a esse país!».

Sublinhemos que, propositadamente ou por desconhecimento, aquele antigo professor apenas se refere aos dois Países de governo totalitário, esquecendo a Russia e a organização oficial da juventude russa que tem como primeiro preceito do seu decálogo: «O pioneiro é fiel á causa de Lenine e de Estaline». De bom grado lhe damos esta informação. ...

Acêrca do «S» do cinto regulamentar da M. P., preguntamos ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, quais os textos oficiais em que se funda para lhe atribuir o significado de Salazar, visto que nós, pelo que nos ensinaram, e pelos textos que conhecemos, sempre interpretámos como: «Servir».

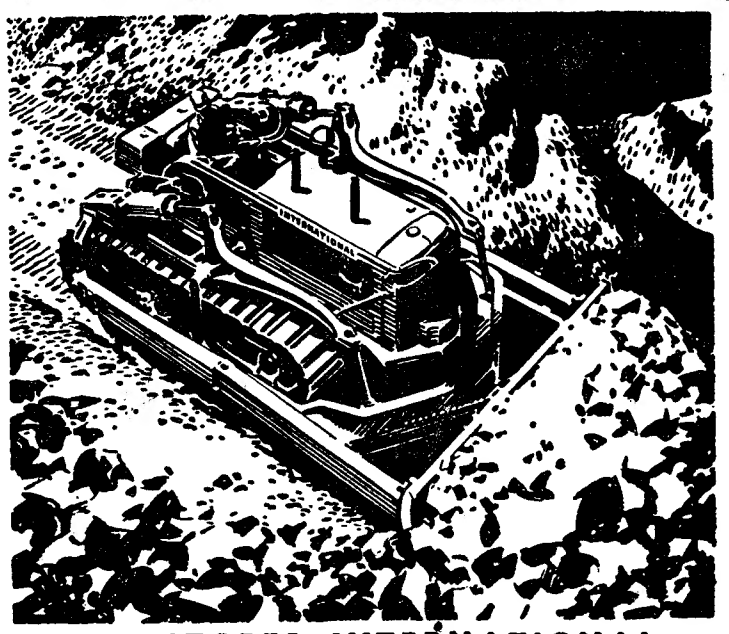
E' lamentável que a «perturbação» politica obrigue alguns senhores a revelar tão grande desconhecimento das coisas nacionais.

A todos respondemos com a doutrina expressa nos «Compromissos», «Preceitos», ordens de serviço, boletins, jornais e outras publicações da Mocidade Portuguesa, que, neste capitulo, se pode resumir desta forma como o fez em devido tempo o prof. Marcelo Caetano, quando comissario nacional: «A Mocidade Portuguesa foi criada com o fim de preparar as jovens gerações do país para que possam colaborar mais eficazmente no progresso, na prosperidade e na grandeza de Portugal».

Por isso se não chama mocidade azul ou mocidade vermelha, ou juventude salazarista ou com outra designação que a prenda a um homem, a um partido ou a uma seita.

E' *portuguesa*, isto é, unica e exclusivamente de Portugal.

Em nome da Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa e invocando as disposições legais, solicitamos de V. a publicação desta carta, com os nossos cumprimentos. A Bem da Nação— A Direcção, aa) *Luiz d'Avillez, Julio Barão da Cunha, João Durão, Baltazar Rebelo de Sousa, Vasco Bruto da Costa, Lélio de Almeida Ribeiro*».



TRACTORES INTERNATIONAL

Fôrça móvel para TUDO

As estradas são de importância vital para os transportes modernos... e aos TRACTORES «INTERNATIONAL» cabe uma parte importante no desenvolvimento de estradas públicas em todo o Mundo. Trabalhando sob desfavoráveis condições de actuação, os Diesel «INTERNATIONAL» têm provado a sua eficácia na construção de estradas militares e para o tempo de paz. Levantam wagons até 14 metros; talham subidas e descidas de caminho; aplanam e cortam margens com lâminas próprias para empurrar terras; puxam grandes escarificadores e desempenham uma grande quantidade de outros trabalhos pesados.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago 1, U. S. A.

Distribuidores em Portugal:
FASSIO, LIMITADA
20 — Rua Jardim do Regedor, 32 — Lisboa

TRACTORES «INTERNATIONAL» — Construídos pela Internacional Harvester, uma firma que tem mais de 110 anos de experiência de engenharia e manufactura.

INTERNATIONAL HARVESTER

PETRÓLEO QUÍMICO E CHAMPÔ LÍQUIDO
DAR-LHE-ÃO INTEIRA SATISFAÇÃO

A' venda em todas as boas casas do ramo.
Depósito geral: António Ferreira Pinto, Ld.ª.
Rua dos Correeiros, N.º 123, 2.º—LISBOA

A garantia de um bom relógio

TORROAES

(Relojoeiro de confiança)

Rua da Prata, 129 Telef. 24210

AS REGISTADORAS HUGIN

Confirmam a ALTA QUALIDADE desta grande marca sueca que em poucos anos conquistou a simpatia do comércio português, mercê das suas extraordinárias características de robustez, eficiencia, segurança, construção perfeita e elegância de linhas.

As caixas registadoras "HUGIN" são máquinas modernas para os tempos modernos.

ESPALHADAS POR PORTUGAL INTEIRO

Hugin

PREÇOS MODERADOS E GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

DISTRIBUIDORES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA. RUA DOS FANQUEIROS, 250-2.º E • LISBOA

UMA MÁQUINA COMPLETA, EFICIENTE, RÁPIDA E SILENCIOSA!

Indispensável em todas as organisações modernas

ADIÇÃO SUBTRACÇÃO MULTIPLICAÇÃO

Demonstrações sem qualquer compromisso

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

SUL: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA. RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º E. - LISBOA

NORTE: SANCHES & NETO, LDA. RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310, 2.º - PÔRTO

O Retiro da Bairrada

(em Benfica)

Amanhã, prato do dia: Grande serrabulhada, formidável prato bailarino. Quem não o conhecer, vem a gostar e quem o conhecer vem comer. Venham distrair-se, não fiquem em casa. Telef. 58-116.

FARINHA 33

FORTIFICANTE INCONFUNDÍVEL

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Diálogo entre senhoras num eléctrico

—Alice, onde compraste esses sapatos tão chiques? Certamente numa sapataria de **tom!...**

—Não, filha, não me interessa o **tom** do estabelecimento, interessa-me, sim, o **tom** do preço dos sapatos.

—Pois olha, igual, igualzinho, no teu **tom**, custava-me muito mais caro, e como vês, a economia é a base da riqueza.

—Comprei numa sapataria da

Calçada do Combro

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º Tel. 20660

Dr. F. Martins Pereira — Medicina geral, coração e pulmões, 15 h.
Dr. Cancela de Abreu — Medicina geral. Doença nervosas, ás 17 h.
Dr. A. Pina Junior — Doenças das crianças, 14 h.
Dr. Cordeiro Blanco — Doenças dos olhos, 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Garg. nariz, ouvidos, 14 h.
Dr. Jorge Falcão — Doenças da pele, sifilis, 15 h.
Dr. Fontoura Madeira — Rins e vias uriuarias, 15 h.
Dr. Luiz Leite — Operações Senhoras, gravidez 17 h.
Dr. Gonçalves Viterbo — Boca e dentes, 16,30 h.
Dr. Gentil Branco — Raios X.
Dr. Formigal Luzes — Diatermia — Ondas curtas - Ultra violetas - Electroterapia — Maçagens — Gimnástica médica.

Batatas

Para entrega imediata

Kilo 2$40

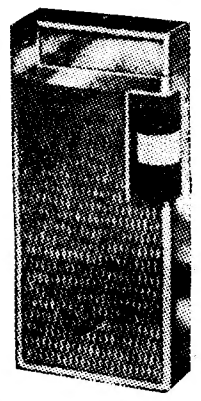
Vendem

António Mendes Morais & Filho

Rua Caminhos de Ferro, 88-A — Telef. 28713

LISBOA

Acaba de chegar o último modêlo construído por relojoeiros suíços



O seu isqueiro

«SWIZA»

O seu fiel companheiro — Nunca falha

A' venda nas boas casas da especialidade

Representante para o Continente, Ilhas e Colónias

SIMON BERKOWITZ

Avenida Luís Bivar, 12-4.º — LISBOA — Telefone 5 1287

Encontrando-se igualmente em stock para revenda na casa

SALZBERG & ALT, L.DA

Rua dos Sapateiros, 44-3.º — Telefone 2 3032 — LISBOA

Caixa de Sobrevivência «O Futuro»

(Associação de Socorros Mutuos)

Rua Augusta, n.º 8 — Lisboa

Nos termos do n.º 2.º do art.º 46.º dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral para se reunir em sessão ordinária no dia 3 do próximo mês de Dezembro, pelas 21 horas, com a seguinte

Ordem de trabalhos

1.º—Apresentação e votação do orçamento das despesas gerais de administração para 1946 e de propostas anexas;

2.º—Deliberação sôbre o emprêgo dos fundos associativos no próximo ano;

3.º—Eleição dos Corpos Sociais para o mesmo ano.

Se por falta de numero a sessão não puder realizar-se reunir-se-á a Assembleia em 2.ª convocação, no imediato dia 10 de Dezembro, á mesma hora.

Lisboa, 16 de Novembro de 1945.

O Presidente da Mesa

Manuel Augusto Rodrigues da Silva Lopes

Atenção

SRS. AGENTES DE NAVEGAÇÃO E ARMADORES

Baixa de preços de ferramentas de aluguer Baldes, vinte escudos por cada período de trabalho

Pás rasas ou de bico, a dois mil e quinhentos por cada pá.

Informa na Rua dos Remolares, n.º 6, primeiro.

Telef. 26909.

VAPOR

Vende-se, com 872 toneladas brutas e a capacidade de 800 metros cubicos. Recebem-se propostas até ao dia 8 do próximo mês de Dezembro. Para mais indicações queiram dirigir-se á Repartição Técnica da Companhia Nacional de Navegação, Cais da Fundição, em Lisboa.

O vendedor reserva-se o direito de não adjudicar o navio, se as propostas não convierem.

Distribuição de socorros

a 50 crianças

Na sede do Grupo Desportivo do Banco Espirito Santo, com a colaboração de vários amigos de Alcantara, foi hoje distribuido vestuário e calçado a 50 crianças pobres daquele bairro, ás quais depois foram oferecidas uma refeição e uma exibição de palhaços.

Monte Carlo?

FUNERAIS

SERVIÇOS SUPERIORES A TODOS PREÇOS INFERIORES A TODOS

Preferir a «SRAF» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de que tudo lhe será tratado com honestidade e competência profissional.

Direcção e propriedade de Octávio A. Lopes

R. DAS PEDRAS NEGRAS, 5, S/L.

Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

AO COMERCIO

REPRESENTAÇÃO

A firma idónea e com organização, dá-se exclusivo de venda de LUSTRES, CANDEEIROS DE VIDRO, APLIQUES, ETC.

Escusado responder quem não tenha organização

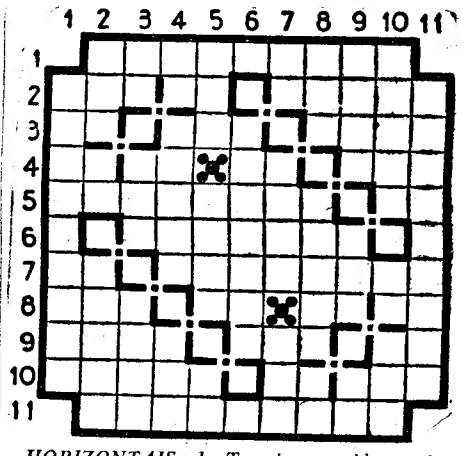
Carta detalhada a

Rua Rodrigues Sampaio, 15-1.º-D.to-LISBOA

Leiam hoje o sempre fixe

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1145



HORIZONTAIS—1—Terceiro presidente dos Estados Unidos da America, que foi um dos criadores e chefe do partido republicano. 2—Interjeição que designa detonação. Pronome pessoal. Bater. 3—Campeão. Infame. Agil. 4—Graceja. Nota de musica. Alto aí! (inv.). Numeral cardinal. 5—Fortalecer. Alternativa. 6—Refreiam. 7—Antes de Cristo. Selava. 8—Fluido aeriforme. O dormir dos pequeninos. Artigo (ant.). Prefixo de negação. 9—Gritos. Conheço. Simbolo quimico da platina. 10—Estimais. Soletra. Reze. 11—Atire com ímpeto.

VERTICAIS—1—Cidade do Estado de Paraná (Brasil). 2—Direito. Quarto. Serenidade. 3—Preposição. Termo. Tanger. 4—Virtude teologal. Vila e concelho do distrito de Aveiro. Senhor (inglês). 5—Dirigi-me. Aversão. Catedral. 6—Porcos, meios leitões, meios cevados. 7—Reis. Vinho de palmeira e de coqueiro. Pronome pessoal. 8—Nota de musica. Amofinei. Pertences. 9—Cada um dos cabos que aguentam os mastros para a borda. Logo que. Artigo (pl.). 10—Embarcação. Enxerguei. Vencimentos dos soldados. 11—Repugnante.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1144

HORIZONTAIS—1—UNRRA. Anina. 2—Mais. Mal. Boer. 3—Ido. Perua. Sor. 4—Dó. Senense. Nó. 5—Apara. Assaz. 6—Ale. Eco. 7—Viena. Idoso. 8—Ou. Meninil. El. 9—Una. Surdo. Ara. 10—Giba. Roi. Elar. 11—Arilo. Anime.

VERTICAIS—1—Umida. Vouga. 2—Nado. Pai. Unir. 3—Rio. Salem. Obi. 4—Rs. Perenes. Al. 5—Amena. Anuro. 6—Are. Iró. 7—Aluna. India. 8—Nb. Assédio. Em. 9—Ios. Escol. Ali. 10—Neon. Aos. Eram. 11—Arroz. Olaré.

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 1.º—LISBOA Telefone 6 5

DR. ABEL ALVES — Ouvidos, nariz-e garganta — ás 1
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral. Operações — ás 1
DR. ANASTACIO GONÇALVES — Doenças dos olhos — ás 1
DR. ARMANDO LUZES — Rins e vias urinarias — ás 1
DR. ARMANDO VALLE — Análises clinicas, vacinas — ás 1
DR. ARTUR PACHECO — Doenças de pele e sifilis — ás 1
DR. BENARD GUEDES — Raios X — ás 1
DR. DIOGO FURTADO — Doenças nervosas e mentais — ás 1
DR. FERNANDO DE CASTRO ÂMARO — Medicina geral — ás 1
DR. FORMIGAL LUZES — Mecanoterapia, maçagem, raios ultra-violetas, ginastica medica, diatermia, etc. — ás 1
DR. JOÃO MARQUES PINTO — Doenças das Crianças — ás 1
DR. MARCELINO MARTINS — Doenças da boca e dos dentes — ás 1
DR. MARIO ROSA — Clinica geral, estomago e intestinos — ás 1
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos. Doenças das Senhoras — ás
DR. VASCO DE LACERDA — Clinica medica, operação pulmões — ás

DE LUTO

General Luiz Carrilho

SEIXAS DO MINHO, 17—Faleceu nesta vila o general reformado sr. João Luiz Carrilho, de 77 anos, antigo combatente da Grande Guerra, durante a qual, como major, comandou um grupo de artilharia. Por uma das suas acções em campanha teve duas promoções por distinção. Sofreu desde então, as consequencias de ter recebido gases asfixiantes, mas continuou a sua actividade como oficial de muito mérito, tendo passado á reserva em 1935, por ter atingido o limite de idade, quando comandava a 4.ª região militar. Entres as valiosas condecorações com que foi distinguido, o general Luiz Carrilho possue a Cruz de Guerra e as medalhas de Valor Militar, de Torre e Espada e Aviz.

Deixa viuva a sr.ª D. Lionilde Macedo Carrilho e dois filhos menores em precárias circunstancias.

D. Maria Brandão Abreu Freire

MURTOSA, 17—Faleceu nesta vila a sr.ª D. Maria Valente de Almeida Brandão Abreu Freire, de 41 anos, solteira, filha da sr.ª D. Amélia Abreu Freire, irmã do sr. João Valente, aferidor municipal, e da sr.ª dr.ª D. Elinsinda Abreu Freire e cunhada do sr. Adamastor Ribeiro Moutel Ferreira, comerciante em Lisboa. O funeral, realizado para o cemitério desta vila, foi muito concorrido de pessoas que assim quiseram testemunhar á familia o seu apreço e o seu pesar.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

A QUEM DORME...—Esteve hoje no Torel o sr. Adelino Inácio, morador no patio da Galega, n.º 4. Contou que ontem, á tarde, adormeceu sentado num banco do jardim Sá da Bandeira. Quando acordou, deu por falta de um bracelete em ouro, com o respectivo relógio, e do seu chapéu. Tinha o sono pesado...

POR ARROMBAMENTO—Os gatunos entraram, por arrombamento, na residência de André da Silva, rua das Pedreiras, 11, donde levaram vários objectos avaliados em 4 mil escudos.

A Philips Portuguesa em Coimbra

COIMBRA, 16—Num magnifico estabelecimento na rua Simões de Castro, foi inaugurada hoje a delegação da Philips Portuguesa. Assistiram ao acto, além de outras entidadas, os srs. dr. Maximino Correia, reitor da Universidade; dr. Alberto Sá de Oliveira, presidente da Camara Municipal; dr. Antonio da Costa Rodrigues, em representação do chefe do distrito, e os delegados daquela firma srs. Wolffensperger, Schelleken e Paul Vincent. Trocaram-se afectuosos discursos. A' noite foi servido um banquete no Astoria, a que assistiram, além daquelas individualidades, os agentes da Philips.

Um almôço oferecido

a 200 operários

A firma F. H. d'Oliveira & C.ª, Ld.ª—que ontem, na Casa do Alentejo, teve a saudá-la os dirigentes das associações Comercial e Industrial e centenas de pessoas, entre as quais figuras de grande relêvo nas actividades económicas, clientes, empregados e amigos—continua hoje a festejar as suas «bodas de oiro», tendo oferecido, no Casal Alvito, um almôço aos seu 200 operários, que decorreu num ambiente de grande simpatia e solidariedade.

O PORTO pelo telefone

Traineiras espanholas

PORTO, 17—Sairam esta manhã do porto de Leixões algumas das traineiras espanholas que há dias ali deram entrada, apresadas pela vedeta «Corvina». Os referidos barcos seguiram viagem, depois dos respectivos mestres terem depositado as multas a que foram condenados.

Manifestação de saudade

ao tenente-coronel Francisco Pedro Curado

Um grupo de oficiais da Armada e do Exército, a que presidem os srs. general Vieira da Rocha e almirante Afonso de Cerqueira, constituido por camaradas do glorioso soldado das lutas de pacificação de Timor, Angola e Moçambique, que foi o tenente-coronel Francisco Pedro Curado, vai prestar homenagem á sua memória no próximo dia 24, que é o 180.º do seu falecimento. Serão depostas flores, na sua campa, no talhão dos veteranos da Grande Guerra de 1914-1918 e haverá uma romagem ao Museu Militar para entrega de uma mensagem que ficará junto da espada de combate, que pertenceu a Curado e que o inimigo lhe deixou, após a tenaz e heróica defesa de Serra Mucula.

A reunião é á porta do Alto de S. João, ás 14 horas, e as adesões dos companheiros, amigos e armiradores de Francisco Curado podem ser enviadas ao capitão Manuel António Ferreira, agência de Lisboa da L. C. G. G., na rua do Século, n.º 50, telefone 21450 a Eduardo de Faria, União dos Inválidos de Guerra, na rua do Benformoso, 156, 1.º, telef. 24887; ou á séde da «Revista Militar», no Largo da Anunciada, 9, telef. 21512.

Novo estabelecimento

Inaugurou-se esta tarde, no bairro de Alcantara, um novo estabelecimento de artigos de «ménage», propriedade da firma Urceira, Ld.ª. O novo estabelecimento, modelarmente montado, foi muito visitado.

Na Faculdade de Ciencias

Uma lição do prof. Bragg sôbre «A óptica dos Raios X»

O cientista britanico professor W. Lawrence Bragg, há dias em Lisboa, fez esta tarde, na Escola Politécnica, uma conferência sôbre «A óptica dos raios X». Tomou a presidencia da sessão o prof. sr. dr. José Gabriel Pinto Coelho, vice-reitor em exercicio, e estavam presentes todos os professores e muitos alunos da Faculdade de Ciências e de outras escolas da capital, além de muitas outras pessoas. O sábio britanico, depois de ter sido saudado pelo prof. sr. dr. Cirilo Soares, começou a sua conferência por uma breve resenha histórica, evocando a descoberta de Laue em 1911, que conduziu ao exame da disposição dos átomos. Referiu-se, largamente ao fenómeno da difracção da luz e de raio X e sua aplicação nos cálculos matemáticos: em vez de efectuar trabalhosos cálculos para verificar se um modêlo de cristal é considerado conveniente para os resultados da difracção do raio X, pode construir-se ópticamente uma rêde cruzada que desempenhe o papel de um cristal, em escala muito maior, que faça passar a luz através dessa rêde. Alternativamente, pode recorrer-se á analogia entre a luz e os raios X de maneira inversa.

VIDA ARTISTICA

Foi adquirido pelo estabelecimento «Ao Ultimo Figurino», do Chiado, para decoração dos seus salões, uma rica carpete executada especialmente nas oficinas da Manufactura de Tapetes de Lisboa.

A ocupação japonesa em Timor

(Continuação da pag. central)

sem reparos—, constam das escrituras publicas lavradas em 8 de setembro de 1937 nas notas do notário dr. Domingos António Cornélio da Silva, em 17 de outubro de 1939 nas notas do notário dr. Pedro Augusto dos Santos Gomes e publicadas, respectivamente, nos D. G. n.º 223 de 23 de setembro de 1937 e n.º 252 de 30 de outubro de 1939.

Estas condições podiam não ter sido impostas á face do Decreto vigente, n.º 26.886. E podiam não ter sido impostas:

a) Porque se tratava de uma sociedade existente;

b) Porque se tratava de uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, e só para as anónimas e em comandita havia as restrições do artigo 3.º do citado decreto.

Contudo, êles impuseram-nas, na prudente previsão de assegurar a nacionalização portuguesa da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Ld.ª.

Que mais poderia fazer o patriota mais exigente?

E o patriotismo das medidas era de tal forma ostensivo que, só muitos meses depois é que se publicaram os chamados decretos de defesa das colónias (D. n.º 28.084 de 14 de outubro de 1937, publicado no «Diário do Govêrno», e mandado publicar, como o foi, no Boletim Oficial da Colónia de Timor, n.º 42 de 20 de outubro de 1937, e novamente publicado no mesmo Boletim n.º 49 de 4 de dezembro de 1937) os quais estabeleceram, precisamente, aquelas mesmas cautelas que os sócios portugueses haviam, voluntária e espontaneamente, tomado, a quando da entrada da Nanyo para a Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Ld.ª.

Foram êles, pois, os precursores dessas medidas legais de defesa. Não carece, portanto, de lições de patriotismo quem provou sabê-las dar, ao ponto de se antecipar aos referidos decretos de defesa dos interêsses coloniais portugueses.

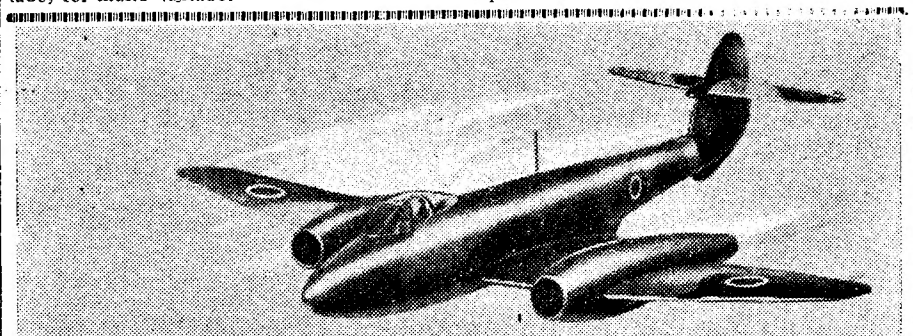
Depois de tudo isto e ainda depois de se saber que o Banco Nacional Ultramarino é um dos sócios gerentes, o dizer-se que a «Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Ld.ª» tem «nítida influência japonesa», tão nítida que se lhe poderia atribuir a importancia «de uma 5.ª coluna», só pode significar que o anónimo entrevistado não pode deixar de ser considerado: ou como pessoa mal intencionada, ou como uma pessoa leviana, o que, para o caso é quási o mesmo.

Esperando que,—dentro daquela lealdade que deve ser o timbre de um jornal como o «Diário de Lisboa»—V. se dignará mandar publicar o presente desagravo contra a injuria que, aos signatários, fez o anónimo que, pelo vosso jornal, foi entrevistado, subscrevemo-nos com tôda a consideração.

De V. Ex.ª etc.—*Julio Celestino Montalvão Silva, João Henriques da Silva de Sousa Manaças*, Pela sócia sr.ª *D. Amélia Faria de Montalvão e Silva, António José da Silva Gaspenna, José Sales Luiz*».

CARREIRAS AÉREAS

Levantaram hoje vôo os dois «Clippers» que há dois dias estavam detidos pelo temporal no aeroporto de Cabo Ruivo. O mau tempo obrigou-os porem a regressar pouco depois. A bordo seguiam 40 passageiros, entre os quais uma filha e uma neta do sr. embaixador dos Estados Unidos em Lisboa.



VELAS

KLG

DEVIDO ÀS SUAS ALTAS QUALIDADES TÉRMICAS E RESISTÊNCIA DE CONSTRUÇÃO, UM AVIÃO «GLOSTER METEOR» ATINGIU A VELOCIDADE FANTASTICA DE 975 KMS. POR HORA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

SOCIDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 1.º — LISBOA

ETP

EÇA DE QUEIROZ

visto por uma inglêsa

No próxima dia 20, ás 21 e 30, na sede, da Casa de Entre-Douro e Minho uma conferência intitulada «Eça de Queiroz visto por uma inglêsa». E' conferencista «miss» Margery Witerhs, representante da P. B. C. em Portugal, constituindo esta conferência a oitava promovida pela Casa de Entre-Douro e Minho, neste ciclo comemorativo do centenário de Eça.

CASACOS DE PELES

Apresenta a mais rica colecção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

Teodoro

Rua do Carmo, 29-31 ◆ Rua da Palma, 117-121

Armazéns Imperium

RUA SANTA JUSTA, 93

TELEFONE 2 5827

FABRICANTES DE GABARDINES

GABARDINES IMPERMEAVEIS tanto em lã como em algodão.

O melhor artigo do mercado

As mais elegantes e bem acabadas

Côres sólidas e impermeabilidade garantida

Os horrores

do campo de concentração *de Dachau*

revelados

na audiência de ontem

DACHAU, 17 — (Do correspondente especial da Reuter, Arthur Oakeshott) —Um dos homens das SS identificado pelo dr. Frank Blaha, testemunha checa na audiênica de ontem, dormiu no tribunal emquanto o médico Blaha contava os horrores do campo incluindo a dissecação dos corpos quando as vitimas se encontravam ainda com vida.

O dr. Blaha, antigo prisioneiro politico de Dachau, disse que os prisioneiros eram metidos em caixões gigantescos e submetidos a diversas pressões de ar, após o que muitos morriam ou ficavam moribundos. Os corpos eram levados depois para a sala de dissecação e mesmo daquêles que ainda tinham vida eram tirados os orgãos para exame patológico. Por se ter recusado a realizar as operações que lhe foram ordenadas, o dr. Blaha foi mandado para a sala de dissecação onde, desde agosto de 1942 até á libertação do campo, realizou pessoalmente entre 6 e 7.000 autópsias.

Declarou que a pele das vitimas era quimicamente tratada e dela se faziam luvas, malas de mão e outros objectos para os guardas das SS e para os seus amigos.

O dr. Blaha acrescentou que aos prisioneiros eram inoculados os micróbios das mais terriveis doenças, tal como nos laboratórios científicos se faz com os porquinhos da India, e morriam depois no meio dos sofrimentos mais atrozes.

Prosseguindo, Joseph Blaha, disse: «Vi horrorizado como os nazis liquidavam milhares de internados russos. De uma vez vi amontoados mais de 6.000 e 8.000 russos que iam seguir para o forno crematório. De outra vez 96 generais e coroneis soviéticos foram obrigados a marchar para o forno crematório e, quando se encontravam já próximos do mesmo, foram mortos com tiros na nuca e em [illegible] queimados. As experiências médicas eram feitas de preferência entre os internados russos, polacos, judeus e checos».

O dr. Blaha identificou no tribunal 17 dos acusados que disse terem-no maltratado a êle ou a outros prisioneiros. Disse que quando os cadáveres chegavam ao crematório, entre êles se encontravam fequentemente pessoas ainda vivas.

Foi ontem o segundo dia da audiência dêste julgamento em massa, que é o primeiro realizado na zona americana de ocupação. Todos os acusados negaram as acusações relativas á morte de mais de 30.000 pessoas e á tortura de muitas mais.—(R. e U. P.).

Quebec será a sêde

do organismo das Nações Unidas?

QUEBEC, 17 — Foi enviado para a Grã-Bretanha um convite ao organismo das Nações Unidas para ser Quebec a sua sede, juntamente com os planos para o estabelecimento da sede permanente dêsse organismo.—R.

Colossal
Sortido de pratas, aos preços da oficina.
Ourivesaria Portugal
ROSSIO, 122 (Esq. Rua da Betesga)

POLÍTICA FRANCESA

Envidam-se esforços

para resolver a crise

com o concurso de De Gaulle

PARIS, 17—Depois de terem sido publicadas as cartas do general De Gaulle e de Félix Gouin, estão a ser envidados novos esforços com o objectivo de resolver a crise politica francesa, que assumirá indubitávelmente a maior gravidade para a França, se não fôr rsolvida com a constituição de um govêrno de coligação presidido pelo general De Gaulle.

Os delegados dos três principais partidos —o Comunista, Socialista e o Movimento Papular Republicano—reuniram-se ontem á noite para discutir a actual situação politica e envidar todos os esforços para a resolver. Esta manhã os referidos delegados voltaram a encontrar-se e parecem estar todos animados de que se chegue a uma solução satisfatória entre os três principais partidos politicos da França.—(U. P.).

De Gaulle resigna o mandato que lhe fôra conferido

PARIS, 17—O presidente da Assembleia Constituinte, Felix Gouin, anunciou que o general De Gaulle, numa carta que lhe foi dirigida, resignou o mandato que lhe havia sido conferido pela Assembleia Constituinte.

Gouin, imediatamente á leitura desta carta, mandou chamar os chefes dos grupos politicos da Assembleia, a fim de os informar dos termos da referida carta. Durante essa reunião, decidiu comunicar os termos da carta aos membros da Assembleia, hoje, sábado, depois do que será entregue á imprensa.

De Gaulle, durante a noite de sexta-feira, teve uma conversa com Jacques Soustelle, ministro da Informação, que mais tarde anunciou que o govêrno provisório continuaria a tratar dos assuntos do Estado até que se formasse novo govêrno.—(U. P.).

A carta de De Gaulle

PARIS, 17—Foi publicada a carta do general De Gaulle para o presidente da Assembleia, Felix Gouin, resignando o seu mandato de formar um novo govêrno. Nela o general De Gaulle diz: «Em cumprimento do pedido que me foi dirigido no dia 13 de novembro, pela Assembleia Nacional Constituinte procurei formar um novo governo. O voto unanime da Assembleia a meu favor parecia-me ser uma indicação de que o govêrno deveria ser constituido sobre a base da unidade nacional e, em virtude da participação de elementos de cada um dos três partidos principais interpretei essa indicação como de acôrdo com a necessidade de reconstrução e restabelecimento da França, assim como da gravidade da situação externa.

«Também me convenci de que é essencial ao govêrno, que é responsável perante tôda a Assembleia, ter a necessária independência, coesão e autoridade para desempenhar a sua tarefa. Certos pedidos, apresentados imperativamente por um dos partidos sôbre a designação de um dos seus membros para tal ou tal ministério, pareceu-me incompatível com essas condições de independência, coesão e autoridade do govêrno. Em tal situação e dados os factos, achei-me na impossibilidade de organizar um govêrno de unidade nacional, de acôrdo com as indicações dadas pela Assembleia e com as minhas próprias intenções, e por isso tenho a honra de entregar á disposição da Assembleia Nacional Constituinte o mandato que ela me confiou. Com pleno conhecimento de tôdas as circunstancias, lembro á Assembleia a urgente necessidade da formação do govêrno da Republica francesa».

O presidente da Assembleia, Felix Gouin, na sua resposta, disse que ia convocar a Assembleia, sem demora, acrescentando: «A Assembleia tomará conhecimento sem duvida alguma com muita magua de não ter sido possivel a formação dum novo govêrno, depois da votação unanime da vossa pessoa».

Gouin confirma o desejo de De Gaulle de «continuar a tratar dos assuntos correntes, até se formar um novo govêrno». De Gaulle e o presidente Gouin avistaram-se esta noite.—(Reuter).

De Gaulle vai falar á nação

PARIS, 17—Anuncia-se que o general De Gaulle se dirigirá hoje, ás 20 e 30, á nação francesa, explicando os motivos por que se viu obrigado a declinar o encargo que lhe foi conferido pela Assembleia Constituinte.—(U. P.).

A repercussão em Espanha

MADRID, 17 — Os circulos politicos de todas as côres acompanham atentamente a alteração da situação politica francesa. A maior parte dos espanhois que se encontram mais próximos do govêrno desejam que De Gaulle permaneça chefe do govêrno, visto acreditarem que as relações hispano-francesas poderiam, nêsse caso, melhorar.—(U. P.).

Comentários da imprensa inglêsa

LONDRES, 17 — Os principais jornais britanicos, discutindo a situação politica em França, são unanimes em dizer que não há qualquer alternativa possivel para a chefia do govêrno do general De Gaulle. «Só êle, pelo seu afastamento da luta politica, a qual foi tão nociva á França nos anos que antecederam a guerra, é capaz de conseguir uma unidade de fins e de dar expressão á vontade do país para mudanças radicais na Constituição, mas ao mesmo tempo ordeiras—declara o jornal conservador «Daily Telegraph».

«Na sua carreira, o general De Gaulle revelou-se capaz de combinar de maneira notável a pertinácia com a habilidade. Através de toda essa estranha carreira, parecia algumas vezes que errava, mas raramente assim sucedeu. A França está por detrás dêle como raramente esteve em qualquer outro homem, e todos aqueles que esperam estabilidade e obras na Europa ocidental desejarão que êle consiga ainda formar um govêrno que represente de preferência a unidade que existe na França do que as dissenções que a ameaçam», diz o mesmo jornal.

O jornal liberal «News Chronicle» escreve: «A França caiu numa crise politica, muito cêdo. Não se pode ainda imaginar o que sucederá, se tiver de haver uma alternativa para a chefia do govêrno em vez do general De Gaulle. A nação francesa exprimiu claramente a sua opinião e o general De Gaulle tem uma situação muito sólida».—(R.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Attlee

esclarece

o comunicado

sôbre a partilha

dos segrêdos atómicos

WASHINGTON, 17—Na sua despedida, ao comentar a interpretação dada por alguns jornais americanos á declaração conjunta britanico-americana-canadiana de que as condições da partilha dos segrêdos da bomba atómica eram tais que não poderiam ser cumpridas e por isso o segrêdo continuaria a ser afinal das três potências, Attlee disse: «Isso é falso, uma vez que a declaração indica claramente que há a intenção de seguir por fases para salvaguardar o segrêdo mas compartilhando-o, bem como outras descobertas cientificas».—(R.).

O segrêdo manter-se-á durante algum tempo—declarou Byrnes

CHARLESTON (Carolina do Sul), 17 — O secretário de Estado, James Byrnes, disse que a sugestão de que se estava a empregar a bomba atómica como ameaça militar ou diplomática contra qualquer país não só não correspondia á verdade mas era uma reflexão nada leal para com o govêrno e o povo americano.

E acrescentou: «Consideramos necessário e conveniente continuar, por certo tempo, a manter o segrêdo dessa produção. Êsse período não é necessário que seja prolongado. O mundo civilizado não pode sobreviver á guerra atómica. Sem o esfôrço unido e sem uma cooperação de tôdas as nações do mundo não haverá protecção eficaz e duradoura contra a bomba atómica. Não haverá protecção contra a guerra bacteriológica, meio ainda mais temeroso de destruição humana». —(Reuter).

A batalha de Surabaia

As baterias antiaéreas são manejadas por oficiais japoneses?

BATAVIA, 17. — O tenente-general Christison, comandante-chefe das fôrças aliadas nas Indias Orientais Holandesas, disse haver todas as provas de que as baterias antiaereas indonésias postadas em redor de Surabaia são manejadas por japoneses, razão pela qual foram atingidos com tanta precisão os «Mosquitos» da R. A. F., durante ataques que efectuaram ás posições dos indonésios naquela cidade.

A emissora dos indonésios anunciou que 7.000 oficiais e marinheiros japoneses desejam lutar ao lado das fôrças nacionalistas indonésias e que já se juntaram ás mesma na luta contra as tropas holandesas e inglesas.—(U. P.).

Seguir A Razão
Ainda que a uns agrade e a outros não.
Para segui-la só fazendo as suas compras na
Grande Ourivesaria da Moda
257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa).

LINIT
E' o unico colchão de arame que tem condições proprias para evitar a aderencia de parasitas. R. D. Pedro V, 75. Telefone 2 5448

Peles DAVID KIT
O maior e mais fino sortido

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES EM JOALHARIA
MODÊLOS EXCLUSIVOS
281, RUA DA PRATA, 283
DAVID
JOALHEIRO

SALÃO DE CHÁ
do Café Chave d'Ouro
COMPLETAMENTE REMODELADO
AMBIENTE DE ALTA DISTINÇÃO NUMA SALA MARAVILHOSA
Chás-concertos: ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 17 e 30.
Chás-Dançantes: nos restantes dias.
Soirées-dançantes: Todas as noites, excepto terças e sextas-feiras.
FERNANDO DE CARVALHO e sua Orquestra de Variedades